

ILUSTRAÇÃO

N.º 317 — 14.º ano



O sr. Presidente do Conselho, Dr. Oliveira Salazar, à janela do gabinete do Subsecretário das Corporações, quando, ao microfone, falou perante a formidável manifestação que lhe foi prestada em 27 de Fevereiro

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

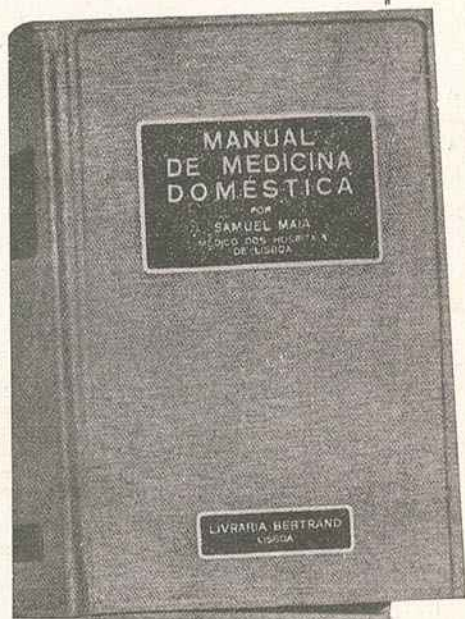
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos sobre enfermagem, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a alimentação para os doentes ou convalescentes e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina

Esc. 35\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podis acalmar as vossas dores com o

ESPECIFICO BÉJEAN



O remédio mais **ACTIVO** prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artritica
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias
Produits BÉJEAN - Paris

ILUSTRAÇÃO

Director: **ARTHUR BRANDÃO**

Editor: José Júlio da Fonseca

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa

Administração: Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

| | MESES | | |
|--------------------------------------|--------|--------|---------|
| | 3 | 6 | 12 |
| Portugal continental e insular | 30\$00 | 60\$00 | 120\$00 |
| (Registada) | 32\$40 | 64\$80 | 129\$60 |
| Ultramar Português | — | 64\$50 | 129\$00 |
| (Registada) | — | 69\$00 | 138\$00 |
| Espanha e suas colónias | — | 64\$50 | 129\$00 |
| (Registada) | — | 69\$00 | 138\$00 |
| Brasil | — | 67\$00 | 134\$00 |
| (Registada) | — | 91\$00 | 182\$00 |
| Outros países | — | 75\$00 | 150\$00 |
| (Registada) | — | 99\$00 | 198\$00 |

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



A mais bela revista feminina que se publica tôdas as semanas

Leitura captivante e educadora - Aspecto interessante e atraente - Sumários variados e tentadores
Páginas magnificas sôbre: **Familia e Arte de Viver — Beleza e Higiene — Modas — A Casa, O Lar, O Jardim — Alimentação — Movimentos, ginástica**

ROMANCES — NOVELAS — CARTAS

NUMEROSAS GRAVURAS A PRETO E A CÔRES

FIGURINOS E MODELOS das mais simples às mais luxuosas «toilettes», chapéus, penteados, etc.

O mais belo e apreciado repositório dos cuidados da mulher moderna

Cada número de 60 páginas, com uma artistica capa a côres, **Esc. 3\$00**

DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

O mais moderno dos Dicionários da Língua portuguesa

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

PARA USO DAS ESCOLAS

Revisão ortográfica pelo DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

1 vol. de 884 págs., magnificamente impresso e muito bem encadernado em percalina verde

Esc. 15\$00

Pelo correio à cobrança, Esc. 17\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS

Da Academia das Ciências de Lisboa

GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES, DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

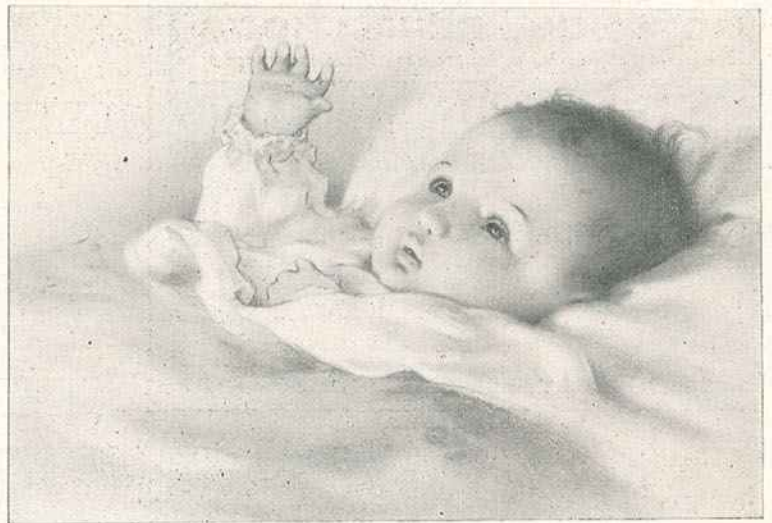
1 volume brochado 15\$00

Pelo correio à cobrança 16\$50

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



ÀS MÃES PORTUGUESAS

Acaba de aparecer, refundida, ampliada, actualizada, a 4.ª edição de

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer

pelo DR. SAMUEL MAIA

Edição primorosa, com muitas gravuras e uma linda capa a cores

1 vol. de 368 págs., broc., Esc. 15\$00; enc., Esc. 20\$00
Pelo correio, à cobrança, mais 1\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris

O infarto do miocardio

O síndrome de Adams-Stokes

PELO DR. EDUARDO COELHO

Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 × 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. 25\$00

Pelo correio à cobrança, Esc. 27\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



GRAVADORES

IMPRESSORES

Bertrand, Irmãos, L.ª

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

Agora, que está sendo eleito o novo Papa, todo o Mundo se preocupa em saber qual será o seu successor.

Tudo leve a crer que o novo Pontífice será italiano. Resta saber se não pertencerá a qualquer ordem religiosa e não terá sido diplomata. Não se acredita muito na possibilidade do Cardinal Pacelli que nunca ocultou as suas simpatias pela França. Afirma-se mesmo que bastaria o facto de haver sido secretário de Estado, para ser excluído. Acerca do Cardinal Pietro Boeto, arcebispo de Génova, que é jesuíta, não será também favorável o Conclave.

O Cardinal Della Costa, arcebispo de Florença, é o candidato da simpatia de Mussolini. Este seria um pontífice em harmonia com a profecia de S. Malaquias: «um evangelista que só se entregasse à fé».

A Igreja é internacional: a «Internacional Branca». Os sacerdotes que vivem no âmbito de Roma são, acima de tudo, internacionais. Os interesses da Igreja sobrelevam os dos vários

A ELEIÇÃO DO NOVO PAPA

países, pois ainda não se viu um cardinal colocar a pátria acima do Estado Romano.

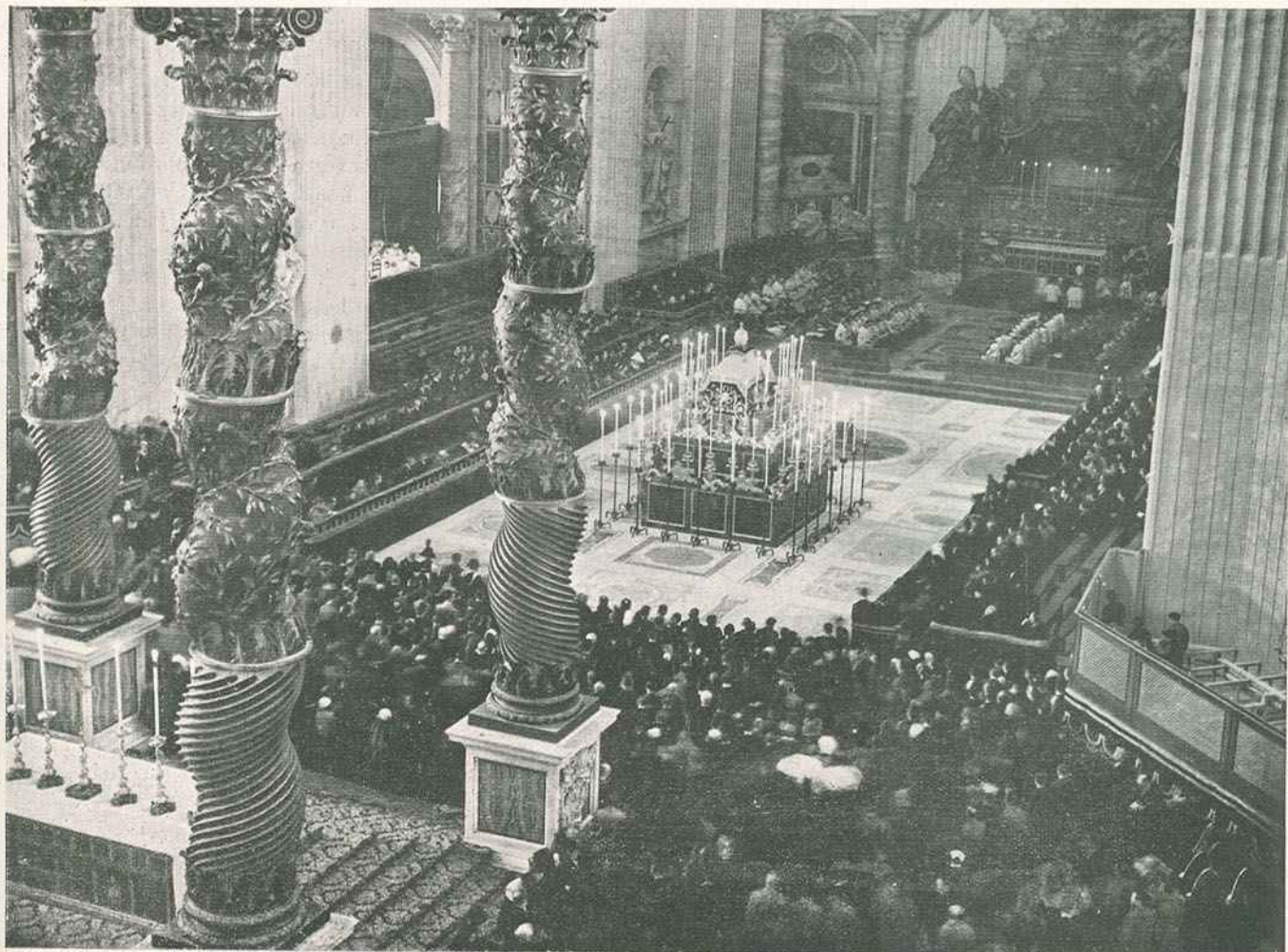
Mais do que nunca a Igreja precisa de defesa e não de um pontífice anodino, entregue à oração, deixando correr os negócios políticos à vontade dos vários Governos. Amanhã perseguiriam os católicos e o papa limitar-se-ia a rezar, sem o menor protesto, não dando a mais singela indicação. De olhos no céu, contemplativamente, os católicos aguardariam perseguições idênticas às sofridas pelos judeus em todos os tempos. Nessa hora começaria o esfacelamento da Igreja. Desde que o Pastor só lamentasse a degolação do rebanho, as ovelhas escapam à chacina desceriam dele e dos seus vassallos. Começaria o cisma; os povos, que têm necessidades espirituais, procurariam nacionalizar as suas Igrejas. Ai do pontificado!

escravizados, cumprirá a sua missão. Realmente, a Igreja deve confinar-se nas doutrinas espirituais, conduzir as almas, não se preocupar com as questões políticas. É este o espírito puramente cristão, mas jamais os pontífices o seguiram dentro dessa doutrina, toda de alma. E não o podiam arvorar, adoptar e impor porque espalhados pelo Mundo houve, há e haverá milhões de católicos, que não podem ser abandonados do seu pastor-mór.

Por isso todo o mundo está de olhos postos no Conclave que deve eleger dentro de poucas horas o novo Papa.

Pio XI surgiu na hora própria, conseguindo realizar o que não foi possível ao grande diplomata Leão XIII.

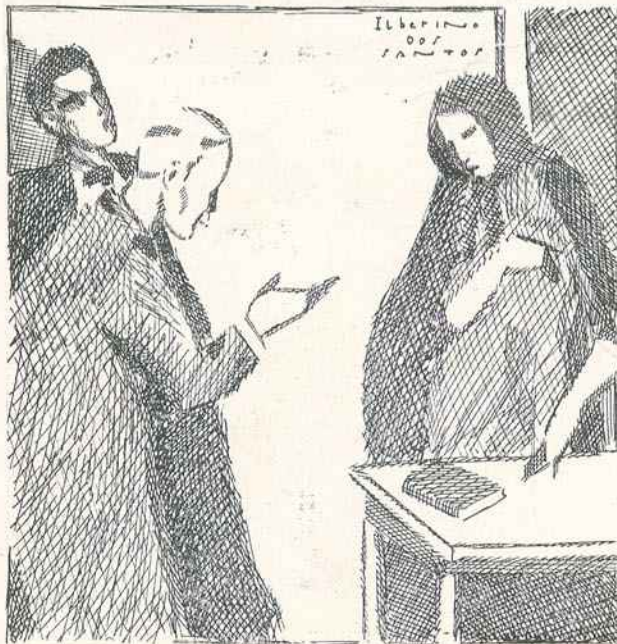
Além de fazer triunfar a Igreja na Questão Romana, desagravou Pio IX.



As cerimónias fúnebres na Basilica de S. Pedro em Roma



A tia Aniceta, a pobre tia Aniceta, tão honrada, tão trabalhadora, tão feliz até então, não se podia resignar a aquele golpe de tremenda fatalidade que



assim de chofre a ferir, e dos seus olhos, pobres olhos cansados, as lágrimas rolavam, sem fim, como em dias de chuva os beirais das casas gotejam água sem cessar.

O marido, desesperado, sentindo em cada solução da mulher uma dor mais funda cavar-lhe o abismo de sofrimento que o aterrava, fingia arranco denodado a provar indiferença.

— Irra, mulher! Não "bonda" chorar por quem não vale um cabelo destes...

E puxava, num gesto sacudido, um cabelo branco, que torcia fortemente.

Aniceta rompeu em pranto mais sentido, mais despedaçado, e as mãos alcançaram-se-lhe num sublime gesto de prece.

— Ó "mê home..." Isso é verdade! Mas tu "nan", vês que êle sempre é filho?!

— Filho?!... Filho?! — interrompeu-a o velho, furibundo, apoplético, a face tódá róxa sob a barba grisalha — Filho, aquele mariola? Não me chames filho àquele tralhão, que eu "intê" arrebitado de vergonha? Filho?!... Ai, minha alma que te partes de dôr!

E num chôro desabalado — que é sempre vendaval desfeito a dor em peito de homem — atirando os punhos para os olhos, Manuel soluçando, gemia:

— Má sorte a nossa, mulher! Má sorte! Tantos anos de canseiras... para isto!

O SACRIFÍCIO DAS ARRECADAS

Mulher e marido, abraçados, juntavam os seus ais, choravam as mesmas lágrimas... Porque havia o filho, o Francisco, de ter dado semelhante cabeçada?

Conselhos daninhos ouvira com certeza, más companhias o tinham desviado do caminho honesto que sempre lhe fôra indicado pelos pais...

Maldita a hora em que o rapaz abalara para Lisboa! Tinha sido a perdição dêle.

Uma vez na capital, desempregado, o Francisco não fazia senão mandar pedir dinheiro ao pai. Até que, um dia, o velho Manuel, com a "burra" meio-esvaziada, decidiu-se a fazer parar tão grande desfôro. E escrevera-lhe:

— Não mando mais...

Como resposta, veio uma notícia que os encheu de contentamento.

Francisco anunciava que se tinha empregado num escritório, onde lhe pagavam bem.

Mas, um dia, Francisco deixara de escrever.

Informes só os tinham pelo compadre Afonso, quando ia receber o Montepio. E dava-lhes que pensar!

O rapaz levava existência de príncipe, vivia no estadão.

Às vezes, quando o Afonso torcia o nariz àquelas despesas estranhas, o Manuel saía em defesa do filho, calando os sobressaltos do coração.

— Deixa lá o rapaz gastar... Se êle o tem!

Mas, um dia, o Afonso não se pôde calar. Olhou firme o camponês honrado e chão, e disse-lhe:

— Olha, Manuel, às vezes gasta-se mais do que se pode. Lisboa é uma terra de dinheiro e de tentações... O teu rapaz anda metido com mulheres!... Devias chamá-lo para cá!

Mas Aniceta, enquanto uma ruga se cavava na fronte do marido, intervinha, enadada:

— "Nán", diga isso, compadre... O Francisco é feliz em Lisboa, que Deus o tenha por lá. Ele é ajuizado! "Nan", são precisos medos!

E o compadre, fitando essa face lavada e fresca como roupa sem mácula, rematou:

— Deus o queira!

Mas, Deus não quizera!

O Francisco era um ladrão!

Roubara! E roubara, para quê?

Para manter e custear a vida duma mulher sem escrúpulos, duma mulher que fizera dele um farrapo, uma coisa indigna, um número...

O Francisco era um ladrão!

E o velho Manuel, a lembrá-lo em cada instante, sentia o coração despedaçar-se em loucas convulsões, num abismo de sofrimento.

A mãe, chorando, beijava piedosamente um crucifixo.

— Meu Deus! Dá-me o meu filho!

Quando a tia Aniceta entrou na prisão, julgou morrer.

Era o seu filho — o seu filho! — aquele homem esqualido e lívido, de olhos pisados, de mãos crispadas, que lhe parecia através de grades de ferro, separado dos seus beijos, dos seus afectos? Como o podia acreditar?

Essa voz, a voz que balbuciava palavras de arrendimento era a mesma de outrora, ao dizer-lhe:

— Mãe... minha mãe...

E a pobre velhota ajoelhando-se, mettendo os braços pelas grades, para trazer junto de si essa cabeça adorada que queria beijar, afagar, soluçava, confrangida, não conseguindo mais do que aproximar até os lábios os dedos esguios de Francisco.

— Mãe! Para que veio?

— Filho da minha alma! Pois eu podia saber-te um "desinfeliz" e não te vir "a consolar"?

— Ó mãe querida! Eu sou tão culpado!

— Mas "nan", deixas por isso de ser o "mê", filho!

Francisco soluçava! A sua indignidade aparecia-lhe maior, junto desse amor puro que saltara por cima de tudo para lhe vir trazer a suprema comoção, junto dessa alma cândida como a duma criança.

— Mãe — murmurou, por fim — e o meu pai?

— O "tê", pai mala-se com o desgosto! "Nan" queria que eu viesse!

— E tinha razão, mãe! Eu já não mereço o vosso carinho!

— Cala-te! Escuta... — e colando a boca à grade, baixinho, para que os guardas atentos a essa cena comovedora, não ouvissem a confidência — Ele está a vender terras, para arranjar dinheiro... Quer pagar a tua dívida...

Francisco ergueu-se galvanizado pelo assombro. Cambaleou, passou a mão pelos olhos...

Aniceta, calada, examinava a enxovia onde êle estava prêso.

Paredes nuas, o chão de pedra, o catre sem colchão, a bilha de água, já rachada... e fez um confronto rápido com o quarto

branco, sempre de alvos lençóis na cama fôfa, o oratório iluminado, a janela aberta para os campos verdes...

O quarto que, sempre cheio de amor maternal, tinha preparado para o ingrato. Não se conteve.

— Filho! Porque estás neste quarto tão mau?

Francisco encolheu os ombros.

— Ladrões da minha laia não merecem outra coisa...

— Cala-te, cala-te! — gemeu a pobre velha — Tu matas-me!

— Perdô-me, minha mãe! Mas... enlouquece-me saber o sacrifício que fazem por mim!

— Cala-te! — e tódá preocupada, ralada de aflição ao pensar no mal-estar que o filho devia sentir nesse quarto pavoroso — Cala-te... Responde-me só! Aqui não há quartos melhores?

— Há sim, minha mãe! Mas são pagos!

Aniceta baixou a cabeça. Vagarosamente, levou as mãos às orelhas. Pendiam, vistosas e reluzentes, duas grossas arrecadas de ouro bom. Tinham sido o presente de casamento dado pelo marido!

A velhinha desprendeou-as. Duas lágrimas, mais de saudade do que de pesar, lhe deslizaram pelas rugas.

Era um sacrifício bendito!

Meleu-as na mão do filho.

— Toma lá! Isto deve chegar para pagares o quarto... até o teu pai te livrar...

Francisco nada respondeu.

Beijou-as com devoção, e guardou-as.

Francisco tinha já outra cara.

Parecia-se, com o mocetão córado e forte que há anos partira para a capital, a viver horas do demo.

O trabalho retemperara-o, purificara-o, lavara-lhe a alma de poluídos vis.

Até parecia mais novo!

E a tia Aniceta, ao vê-lo regressar das



terras, o suor a correr-lhe em bica pela face tsnada, sorria enternecida.

E então, o Francisco, lançando-lhe os braços ao pescoço, perguntou-lhe.

— Mãe... Sabe que dia é hoje?

— Sei — respondeu a velhinha — Faz hoje trinta e três anos que eu fui "arreccebida" pelo teu pai...

— Pois trago-lhe um presente!

— Um presente? Tu? — murmurou, inquieta, a pobre mãe.

— Sim, eu!!!

E o Francisco, triunfante, depôs nas mãos trémulas da mãe uma caixinha.

Debaixo dos olhares do marido que accorreu, bastante curioso, ela abriu-a. E um grande grito, um grito de coração feliz lhe fugiu dos lábios.

Eram as suas arrecadas!

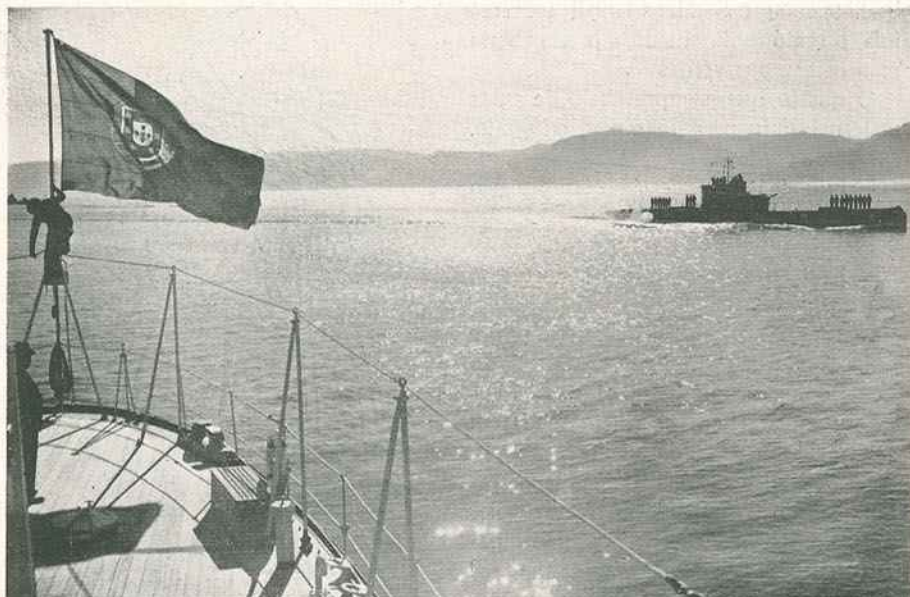
OINETE PASSOS DE SAINT-AURICE.



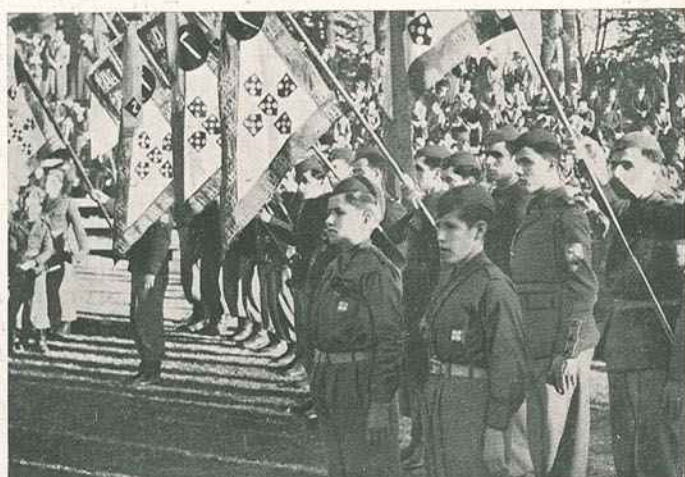
NOTÍCIAS

DA

QUINZENA



Em cima, à esquerda: A largada do submarino português «Golfinho» que partiu para o seu cruzeiro africano à Madeira, Selvagens, Cabo Verde e Guiné. Esta prova é a primeira que uma unidade submersível portuguesa efectua. *Ao centro, à esquerda:* O sr. almirante Mata e Oliveira, major general da Armada, com a oficialidade do aviso «Gonçalo Velho» no seu regresso de Macau. *À direita:* A cerimónia da distribuição de condecorações de «mérito escolar» e «bom comportamento» aos filiados da «Mocidade Portuguesa», do Douro Litoral, no Palácio de Cristal, do Porto



Crianças da Sociedade «A Voz do Operário» em romagem ao monumento aos Mortos da Grande Guerra, por ocasião do 56.º aniversário daquela benemérita e popular colectividade

O CARNAVAL E AS CRIANÇAS





Gandhi falando no novo hinduí

GANDHI é, depois de Budha, o ente que atingiu a mais alta situação moral. Quando morrer será adorado como um deus.

Há quem julgue que a sua influência está no declínio, mas nada há de mais longe da verdade. É ainda hoje o indivíduo mais importante de toda a Índia; há quem beije o caminho por onde ele passou. A sua individualidade é um verdadeiro enigma, que escapa à observação. É um santo e um político, cuja carreira se encontra muitas vezes em contradição com o seu carácter.

O uso de violência ou de desobediência civil estão longe dos seus princípios de chefe político; o latego moral é a arma de que se serve para obter resultados práticos e, no entanto, ao mesmo tempo que reprova os actos de violência, organiza ambulâncias para servirem em tempo de guerra. Pratica o jejum por razões de moral e por outro lado, por meio do jejum, obrigou o governo britânico a libertá-lo da cadeia. Mas Gandhi era na prisão um próspero, que podia livrar-se quando lhe apetecesse, porque ao governo não convinha tomar sobre si o odioso da sua morte, enquanto estivesse vivo.

Por esta razão todas as famílias Brahmins, de alguns meios, os empregam. Abaixo da quarta casta há aqueles em que se não pode tocar sem ficar poluto, que se vêem obrigados a exercer as últimas profissões, de varredores das ruas ou de limpa-latrinas. Destes últimos há na Índia 51 milhões de indivíduos para o total da população hindu de 238 milhões.

A situação desses infelizes é sem solução; assim nasceram e assim terão de se conservar até final. Não só sofrem da pobreza a que o destino os obriga, mas ainda são vítimas do desprezo e repugnância da sociedade.

Há certas terras da Índia, em cujas escolas não é permitida a entrada aos filhos de tais pais. Não se podem servir da água do poço de que se servem os habitantes da aldeia ou relacionar-se por qualquer forma com esses habitantes. No sul da Índia o preconceito vai até ao ponto de poderem mesmo de longe poluir as outras castas; se encontram um Brahman na estrada, a sua obrigação é afastar-se para qualquer campo perto.

Há uma modalidade de entre estes desgraçados que polue, mesmo a distância, de forma que só de noite podem sair de casa.

tução, porque crê que o seu objectivo, que é a independência da Índia, pode mais facilmente ser atingido pela cooperação do que pela oposição. Daqui resulta um paradoxo enorme entre o Gandhi, que toda a vida lutou contra a Grã-Bretanha, e o de hoje, o melhor amigo desse país.

Ainda há, porém, outras contradições: a ciência moderna é um sacrilégio para ele e ao mesmo tempo serve-se do telefone, dos combóios e usa óculos.

Sem fazer parte do Congresso Indiano é, no entanto, a alma desse Congresso e o seu maior inspirador.

Tudo em que toca é religião, e à parte a sua crença na sua pátria, ninguém sabe ao certo qual seja a religião que lhe segue. A instituição da casta é a cidadela inexpugnável do Hinduísmo; nenhum ente humano pode transitar de uma casta para outra, seja qual for o processo adoptado. A instituição da casta é tão antiga como a própria Índia e foi certamente inventada para manter a supremacia dos primeiros invasores arianos.

Há quatro castas principais: a primeira, a dos *Brahmans* ou sacerdotes e letrados; a segunda, a dos *Shatryias* ou guerreiros; a terceira, a dos *Vaisyas* ou comerciantes e a esta pertence Gandhi, e em quarto lugar a dos *Sudras*, creados e servos, que são semi-escravos.

Os membros da terceira casta ainda hoje são, em quasi toda a sua totalidade, os lojistas de toda a Índia, apesar-de que nas outras três castas tem havido infiltrações de misteres diferentes.

Caso curioso: quasi todos os cozinheiros da Índia pertencem aos Brahmins, o que se explica porque são os da sua casta os únicos cujas mãos não profanam ou pulvem a comida e a água em que tomam.

Por esta razão todas as famílias Brahmins, de alguns meios, os empregam. Abaixo da quarta casta há aqueles em que se não pode tocar sem ficar poluto, que se vêem obrigados a exercer as últimas profissões, de varredores das ruas ou de limpa-latrinas. Destes últimos há na Índia 51 milhões de indivíduos para o total da população hindu de 238 milhões.

A situação desses infelizes é sem solução; assim nasceram e assim terão de se conservar até final. Não só sofrem da pobreza a que o destino os obriga, mas ainda são vítimas do desprezo e repugnância da sociedade.

Há certas terras da Índia, em cujas escolas não é permitida a entrada aos filhos de tais pais. Não se podem servir da água do poço de que se servem os habitantes da aldeia ou relacionar-se por qualquer forma com esses habitantes.

No sul da Índia o preconceito vai até ao ponto de poderem mesmo de longe poluir as outras castas; se encontram um Brahman na estrada, a sua obrigação é afastar-se para qualquer campo perto.

Há uma modalidade de entre estes desgraçados que polue, mesmo a distância, de forma que só de noite podem sair de casa.

Gandhi, o homem de espírito complicado, é um adepto intrínseco do sis-

IDOLOS DOS POVOS

A VIDA DE GANDHI — O SEMI-DEUS INDIANO

tema de castas, mas, quanto a esses desgraçados, preferia que o hinduismo desaparecesse do que manter nessa pobre gente, em quem se pode tocar, os atributos de que os revestem.

A sua opinião é que se deveria constituir uma quinta casta com as suas prerogativas e obrigações.

A figura de Gandhi, pequena mas enérgica e ágil, representa uma vida repleta de heroísmo; vestido apenas de uma sarja ordinária, sentado à sua roda a dobar fio, pesando apenas 60 quilos, empreendeu uma luta contra o maior império, que jámais existiu — e quasi o venceu.

Alguns dos seus amigos mais dedicados não estão de acordo com as suas últimas concessões à Inglaterra, mas a Índia inteira está a seu lado, como adepto incondicional. Governa o seu povo pelo amor; é o único ditador do mundo que não usa de outras armas.

A fotografia do herói encontra-se no altar de milhões de choupanas; se há na família uma criança doente depressa se restabelecerá se lhe mostrarem a fotografia do santo. O camponês anda léguas para o ver, apenas de passagem, no combóio, ainda mesmo que este não pare na aldeia. O povo convence-se de que ele poderá executar milagres, quando lhe aprover, e é o único homem na Índia, capaz, apenas por uma palavra ou pelo gesto de um dedo, de levar uma população de 350 milhões de almas — aproximadamente a quinta parte da raça humana — a adoptar mais uma vez a resistência civil.

Mohandas Karamchand Gandhi nasceu em Porbandar, pequeno estado primitivo na península de Kathiawar, a 2 de Outubro de 1869. Tem portanto 70 anos de idade. É filho de uma família distinta, cujo pai e avô foram ambos *Devans* ou seja presidentes de governo de pequenos



Uma caricatura de Gandhi

principados. O pai, segundo as declarações de Gandhi, era um homem temerário, honesto e incorruptível, que casou quatro vezes, e o pequeno Gandhi foi o filho mais novo da quarta esposa. A mãe era muito devota; observava, com absoluto rigor, todos os jejuns e mais costumes hindus e exerceu sobre o espirito do filho enorme influência.

O seu livro «A história das minhas relações com a Verdade» é a melhor fonte de informação a respeito da juventude de Gandhi. É uma obra de uma contextura muito especial. Descreve, com ingenuidade, detalhes de uma intimidade tão pueril, que afugenta o leitor ocidental e no entanto através de todo o seu estilo transpira um verdadeiro pudor bíblico.

Ao cabo de 1090 páginas, o autor termina com estas palavras: «Necessito de reduzir o meu ser a um nada».

A descrição que nos faz a respeito da mãe é digna de nota: «A impressão de minha mãe no meu espirito é de santidade. Era profundamente religiosa e nunca faltou ao cumprimento das *Chaturmas* — um meio jejum que dura quatro meses, durante o período das chuvas. Por ocasião de uma das *chaturmas* fez voto de que não provaria qualquer alimento sem ver o sol. Nesse período meus irmãos e eu punham-nos à espreita para ver quando surgiria o sol e ela corria à janela para contemplar o astro mas este, muitas vezes já tinha desaparecido e minha mãe dispensava a refeição. «Não importa — exclamava rindo — Deus não quer que eu coma hoje». Um amigo de Gandhi disse-lhe uma vez que os indianos eram fracos porque não comiam carne e que os ingleses governam a Índia porque são carnívoros. E Gandhi, em segredo, decidiu provar da substância proibida; comeu carne de cabrito e encheu-se de repugnância. Nessa noite teve um horrível pesadelo: dentro do seu estômago, havia uma cabra viva que balia com desespero pela liberdade. Um dia um amigo levou-o a casa de umas *pedadoras* e Gandhi, que tinha sido levado ali por surpresa, confessou que, naquele vale do pecado, ficara como surdo e cego. «Felizmente Deus salvou-me e fugi». Em outra ocasião tentou-o o cigarro proibido e fumou-o. Foi tal o remorso e arrependimento que, por pouco, se suicida; nunca na sua infância, diz ele, pronunciou uma mentira. Aos 13 anos casou; antes do casamento tinha estado noivo por três vezes, mas morreram as crianças, que lhe estavam destinadas para noivas. A esposa, de 10 anos de idade, foi escolhida de uma família visnha e casaram segundo o rito hindu. A respeito deste casamento escreveu Gandhi: «Mal adivinhava eu então que um

dia teria de censurar meu pai, a propósito do meu casamento! Nesse dia tudo me pareceu agradável e em ordem; também eu me sentia ansioso por casar e logo que casei assumi imediatamente a autoridade de marido». A esposa, Kasturba, era analfabeta e junta ele: «Quis ensiná-la a ler, mas as nossas entusiásticas expansões do amor ocupavam todo o nosso tempo e hoje Kasturba, meio século mais tarde, mal pôde ler e escrever».

«Se o meu amor tivesse permanecido absolutamente inocente, tenho a certeza que ela seria hoje uma mulher instruída; porque então facilmente teria conseguido vencer a sua aversão ao estudo».

Quando Gandhi tinha 15 anos Kasturba deu-lhe o seu primeiro filho, que faleceu. Por essa época faleceu também o pai de Gandhi, falecimento que lhe causou grande impressão moral, porque no momento da morte, Gandhi não esteve presente, entregue ao amor da esposa.

A sensualidade ocupa um grande espaço do livro e queixa-se de que tendo chegado a 1933 ainda não tenha podido dominar os seus impulsos sexuais.

A sua grande luta por libertar-se dos seus desejos terrenos, foi estimulada pela sua sexualidade e todas as suas tentativas fantásticas a respeito da sua alimentação e a escolha final de leite de cabra, como alimento ideal, eram igualmente estimuladas pelo desejo de diminuir o seu ardor sexual. Em 1900, aos 31 anos de idade, decidiu guardar castidade e em 1906 confirmou essa decisão, por um voto solene e perpétuo.

Classificou esta decisão como o seu primeiro passo para o domínio de si próprio. Era o preliminar essencial para a doutrina do *Ahimsa*, ou anulação de actos violentos.



A mulher de Gandhi



Gandhi

Ao concluir os seus estudos na Universidade de Ahimadabad o joven Gandhi decidiu partir para Londres a fim de estudar direito, decisão muito contrária aos costumes indianos do seu tempo.

Uma viagem por mar é causa de degradação moral para o hindu ortodoxo e por consequência foi excomungado o joven estudante.

Nada, contudo, pôde desviar a determinação tomada e conta-nos nas suas recordações que lhe fôra necessário vender as joias da esposa para pagar a viagem. A esposa ficou na Índia e ele conta-nos o voto feito perante a mãe de nunca comer carne, beber vinho de guardar castidade. A sua grande ambição era por esse tempo de vir a ser Dewan como seu pai. Chegou a Londres no mês de Setembro de 1888 dando imediatamente começo ao estudo do povo inglês, que mantinha a sua pátria em sujeição.

Um compatriota deu-lhe logo estes conselhos, por vê-lo coliar um chapéu alto ao revez: «Não mexas naquilo que não é teu; não faças perguntas a pessoas que mal conheces; não fales alto; nunca te dirijas a alguém, fazendo uso de «sir», como nós, na Índia». Gandhi comprou fôto, aprendeu francês e latim e sofreu inclemências á procura de comida vegetariana.

Não comia ovos, ou molhos feitos com eles e quando pedia ao criado do restaurante para o informar a respeito dos ingredientes que tinham entrado na confecção do guisado, nunca oblinha resposta apropriada. Três anos mais tarde voltou à Índia e estabeleceu-se como advogado em Bombaim. Quando pela primeira vez teve de falar em público levantou-se da sua banca para falar mas apossou-se d'ele uma tal timidez, que teve de sentar-se sem dizer palavra.

Em 1893, convencido de que não poderia fazer vida na Índia, emigrou para a Africa do Sul, onde a enorme colónia dos seus compatriotas lhe deu trabalho e lucro. Daí a pouco via-se presidente da comunidade e no Sul d'África se demorou cerca de 20 anos. Fôram os anos da sua preparação. O Sul d'África foi o campo que o preparou para o que ele havia de ser mais tarde.



Gandhi na sua época de estudante em Londres

A partida do sr. Cardinal Patriarca para Roma

A fim de tomar parte no Conclave que vai eleger o novo Papa, partiu para Roma o sr. D. Manuel Cerejeira, Cardinal Patriarca de Lisboa. — *Em cima*: O sr. Cardinal Patriarca com a tripulação do avião em que seguiu viagem, tendo ao lado o capitão capelão Pizzigallo. — *Ao centro*: O sr. D. Manuel Cerejeira com o representante do Chefe do Estado, Ministro das Colónias e outras entidades oficiais momentos antes da partida. — *Em baixo*: Algumas das pessoas que foram despedir-se de Sua Eminência



A PROTECÇÃO DO MORTO

UM dia, alguém me perguntou, alguém de condição humilde, mas luzindo-lhe no olhar uma alma de poeta:

— “Acredita que um morto possa dar abrigo a um vivo?”

E antes que eu tivesse tempo para formular uma resposta, tão perturbada fiquei com a originalidade da pergunta, contou-me este caso, não sei se verdadeiro se filho da imaginação vivíssima do meu informador, caso de que resolvi extrair uma novela, contada à minha maneira, conservando o fulcro original, vivido talvez.

Raul — chamemos assim ao meu herói — era filho de ilustres e ricas famílias. Os pais tinham nêle a suprema esperança de que lhes continuasse a tradição de cavalheirismo e honestidade que foi sempre flor heraldica do seu braço espiritual, certamente o que mais os orgulhava.

Raul, porém, não sabemos por que estranhos atavismos, era estouvado, pouco respeitador dos bons costumes, e comprazia-se na companhia de rapazes mal dotados de caracter, que o arrastavam para tabernas e lugares de prazer barato, mal frequentados.

É sabido que as más companhias estragam as criaturas de fraca força de vontade, e que os maus exemplos se seguem mais facilmente do que os bons.

O dever é sempre tarefa árdua a cumprir, porque quasi sempre temos de sacrificar-lhe outras coisas que mais alegria nos dariam.

E, por isso, há tão pouco quem cumpra o seu!

Raul, muito novo ainda, já de si fraco contra as tentações, deixou-se vencer pelas palavras que o incitavam a seguir o mau caminho, palavras insidiosas de maus amigos que não querem ser sosinhos na infâmia e procuram associar à sua vergonha outros que elles sabem com sentimentos melhores, mas débeis de vontade para fazerem prevalecer as suas opiniões.

Sem atender aos bons conselhos de sua mãe, que escondia do marido a vida desregrada do filho, e que com os olhos cheios de lágrimas lhe pedia que deixasse tão perigosas companhias, Raul foi-se cada vez mais atascando na lama, e no pano verde dos Casinos jogava e perdia grandes quantias, chegando a empenhar as joias da pobre mãe para pagar as suas dividas de jôgo.

Tenho de ser breve para não alongar de mais esta história, que deve caber numa página da *Ilustração*, para não massar os meus leitores, com minúcias inúteis.

O pobre rapaz, de cabeça inconstante e leviana, foi posto fora de casa pelo pai,

já ao corrente da sua conduta, que não transigia em pontos de honra.

Sem dinheiro, sem trabalho onde o ganhasse o infeliz doidivanas vagueava pela cidade, uma noite tempestuosa.

Encharcado até os ossos, mal comido e mal dormido, não encontrava uma porta aberta onde recolher-se da chuva, e talvez, esperar a manhã, para seguir na sua faina de procurar emprêgo pelos anúncios dos jornais, lidos por favor numa tabacaria.

Depois de calcurriar quasi meia cidade, numa travessa escura achou enfim um portal caridoso aberto.

Entrou, olhou para cima e viu que a porta da sobreloja estava apenas encostada, coando-se através da abertura uma réstea de luz.

Levado por um singular pressentimento, subiu a escada, ao mesmo tempo que soluços abafados lhe feriam os ouvidos.

Talvez estivesse ali alguém que precisasse do seu auxílio, tanto mais que o choro era de mulher.

Empurrou a porta e deparou-se-lhe uma cêna que o chocou, pelo imprevisto,

Num quarto pobre, mas cuidado, um caixão com um morto repousava ao centro da casa, sôbre uma mesa.

Sentada à cabeceira, chorando, com o rosto coberto pelas mãos pálidas, uma velhinha de cabelos de neve chorava angustiosamente. Ao ouvir passos, levantou

a cabeça, e quasi contente, como se de repente recebesse uma consolação suprema para a sua dor, foi ao encontro de Raul, de mãos estendidas, dizendo-lhe:

— “Ainda bem que veio. Não o conheço, mas deve ser amigo do meu neto, e vem acompanhá-lo na sua última noite de casa, não é assim?”

“E muito amigo deve ser, para cá vir com uma noite destas. Também, foi o único que veio. Isto, quando a gente é pobre...”

Raul estava pasmado, mas desfazer o engano da avôzinha seria uma crueldade, por isso, respondeu:

— “Não tem que admirar-se, éramos muito amigos, companheiros de officina...”

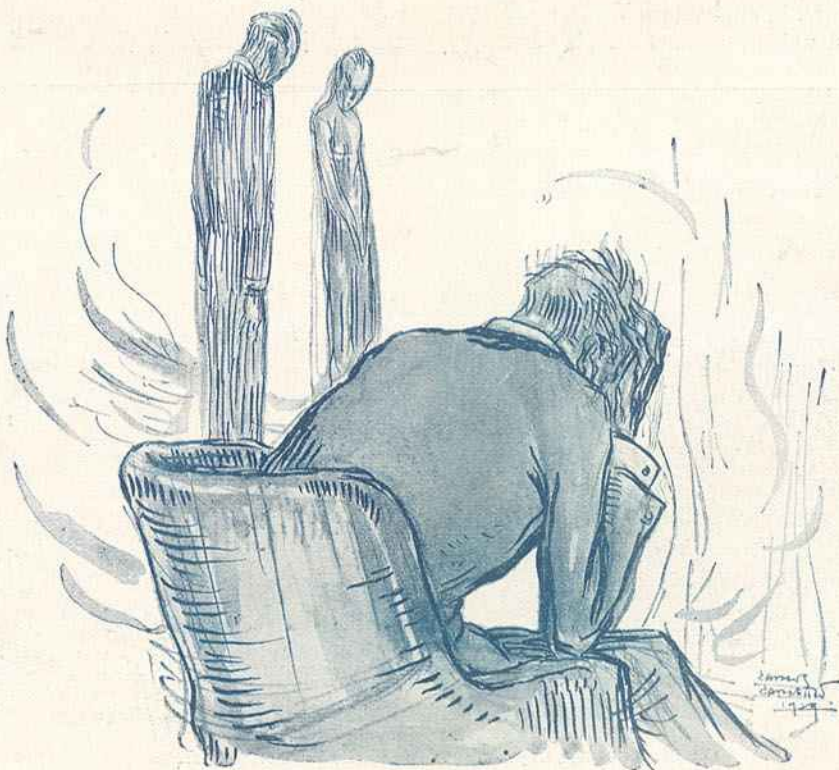
— “Mas está todo molhado — retorquiu a velhinha — Venha cá, vou dar-lhe roupa do meu neto. Como deve saber, êle morreu dum desastre. Não há perigo de lhe pegar nada. Depois vai comer uma sopa quente — resto da sua última refeição...”

E levou-o a uma alcova interior, onde lhe deu tudo que era preciso para mudar de fato e ficar confortável.

Enquanto comia, Raul pensava no seu caso estranho: Dos vivos só recebera recusas de auxílio, só lhe tinham dado o abandono e a indiferença. E foi um morto que o abrigou, que lhe matou a fome com os seus restos de comida, e passou para êle, o carinho da sua avôzinha. Já não estava só no mundo. Aquela santa não o abandonaria e êle assim mais coragem teria para procurar trabalho.

A sua vida futura erguia-se sobre uma mentira piedosa, que não offendia Deus nem o amesquinhava a êle.

MERCEDES BLASCO.





Gravura bonapartista publicada em França

O verão passara. Estava-se no outono, mas num desses quentes, dourados e esplêndidos outonos — verdadeiros adeuses de verão — repletos duma voluptuosa doçura, que parecem, aos olhos dos sensuais e dos artistas, mais belos ainda do que a própria primavera.

O outono chegara ao parque de Schoenbrunn como um general em chefe às ordens do soberano Inverno. A luta travara-se, mas, após uma heróica defesa, príncipe Verão, completamente vencido, fôra obrigado a tomar o caminho do exílio, onde já o esperava a sua amada Primavera. E, enquanto o Verão, nos braços da sua eleita, cogitava o meio de recupe-



O duque de Reichstadt, em grande uniforme, passando revista às tropas em Viena

rar os seus domínios, o Outono percorria triunfante o país conquistado.

À sua passagem tudo empalidecia, tudo murchava, tudo entristecia. Mas tudo empalidecia, tudo murchava, tudo entristecia com a maior beleza e encanto.

A Natureza subjugada parecia dizer: Breve beleza, breve encanto... Não vos iludais, ó pares juvenis que passeais!...

A luz dourada do outono parece-vos mais bela, mais suave, mais propícia aos longos colóquios amorosos. Mas não vos iludais...

O sol perdeu já bastante do seu esplendor e o céu do seu azul maravilhoso. As flores murcham e as fôlhas caem...

E, depois do outono, chegará o inverno e êle sepultará o astro rei no sudário das suas brumas...

Passeai, passeai, ó pares juvenis, que não passeais por muito tempo...

Realmente, o sol perdera já muito do seu resplendor ofuscante e o firmamento do seu luminoso matiz cerúleo. A brisa desfolhava as setineas e aveludadas pétalas das flores e as fôlhas, uma a uma, iam-se desprendendo das árvores. Bailavam um instante no ar semelhantes a libélulas de ouro, até que vinham immobilizar-se no solo como que para o último sono.

Era sobre essa alcatifa dourada que, a passos lentos e vagarosos, detendo-se a cada instante, o duque de Reichstadt e a arquiduquesa Sofia iam avançando.

A arquiduquesa parecia mais juvenil, mais encantadora, mais graciosa do que nunca. Não era nos salões do palácio, coberta de setins, ou veludos, resplandecente de jóias ancestrais, que a sua frágil,

NÉVOAS DO PASSADO

A vida amorosa do filho de Napoleão

Como êle quis apaixonadamente a princesa Sofia da Baviera

delicada e ideal beleza se destacava com o devido realce. Era ali, nos jardins, que pareciam ser o seu reino, o seu verdadeiro elemento, trajando um simples, mas graciosíssimo, vestido aos folhos, de leve cassa florida, que ela se mostrava realmente como a sílfide dos bosques, a fada do parque de Schoenbrunn.

A fada de Schoenbrunn e o príncipe encantador, eis como o bom Perrault os teria designado se os houvesse encontrado, naquela tarde, passeando, de braço dado, sobre o damasco dourado das fôlhas secas.

Um banco de pedra — um desses bancos de pedra tão queridos dos namorados — parecia de longe convidá-los a sentarem-se.

O duque e a princesa, obedecendo ao mudo convite, tomaram lugar ao lado um do outro no poético assento.

— O teu comandante, o príncipe Wasa, Franz — exclamou Sofia da Baviera, um momento mais tarde, quebrando o silêncio — falou de ti ao imperador, das tuas qualidades como oficial, nos termos mais elogiosos. Disse que eras um cavaleiro admirável; que comandavas o teu batalhão duma forma impecável; que eras sempre o primeiro oficial a comparecer de madrugada no quartel e o último a retirar-se e que, a todo o momento, solicitavas as missões mais trabalhosas. Acrescentou que todos, ali, desde os soldados que te adoram pela tua modéstia e bondade, até aos oficiais que te admiram profundamente pela vastidão dos teus conhecimentos táticos e estratégicos, se sentem muito felizes e orgulhosos por pertenceres ao seu regimento, e terminou dizendo que o major Prokesch von Osten tinha razão, quando afirmava que não havia, em toda a guarnição de Gratz, um oficial reúinando em si todas as qualidades necessárias para um alto comando como o duque de Reichstadt.

O puro azul dos olhos do "Aiglón" iluminou-se de alegria, mas, decorridos alguns instantes, ensombrou-se de tristeza.

Embora involuntariamente, Sofia, com as suas palavras, viera revolver a ferida que continuamente sangrava no seu coração,

Só êle sabia como era doloroso para o seu orgulho e a sua dignidade — o legítimo orgulho e a legítima dignidade daquele a quem o nascimento destinara a ser o comandante da "Grande Armée," — lembrarem-lhe a sua qualidade de oficial austríaco.

Cruel ironia do destino, realmente!



O duque de Reichstadt (Baixo relevo por Glanz)

O filho de Napoleão, o príncipe imperial, aquele que fôra saído do berço pelo título de Rei de Roma, servindo como tenente-coronel num regimento do exército dos Habsburgos — no exército daqueles que tanto haviam contribuído para a derrocada do império napoleónico!

— Consagro, realmente, as minhas noites ao estudo e os meus dias ao serviço — respondeu por fim, estreitando nas suas, as mãos da princesa — não para ser, como muitos desejariam, na Áustria um segundo príncipe Eugénio de Sabóia, mas, a fim-de que se um dia, a França me chamar, não me mostre indigno de meu pai!

Desta vez, foi o turno de Sofia entristecer e de curvar desanimadamente a fronte, desviando o rosto, no intuito de que o príncipe não visse a palidez e a profunda alteração dos seus traços.

— Se a França um dia me chamar... Se

a França um dia me chamar... — murmurava para consigo a arquiduquesa, repelindo as palavras de Francisco Carlos.

Oh! Ela bem sabia! O príncipe não se iludia, não se animava com esperanças vãs. Mais tarde, ou mais cedo, a França havia de reclamá-lo! Mais tarde, ou mais cedo, êle partiria para ascender ao trono esplêndido de púrpura e ouro semeado de abelhas imperiais! Mais tarde, ou mais cedo, ela perdê-lo-ia, e para sempre!

Perante essa perspectiva toda a sua alma e todo o seu corpo de amorosa se ergueram num desespero e numa revolta.

Desespero e revolta contra o destino que acorrentara a sua existência à dum fátuo, dum egoísta como o arquiduque Francisco, em vez de lhe dar por marido o filho de Bonaparte.

Ah! Se ela fôsse livre! Franz desposá-la-ia imediatamente e ao partir, ao abandonar para sempre a Áustria, não partiria só...

Mas os elos da cadeia que a prendiam ao arquiduque não podiam, infelizmente, quebrar-se. Nenhum laço, pois, existia, nem podia existir, entre os dois, de modo que, quando a hora de partir soasse, a separação seria definitiva. E nunca mais, nunca mais, talvez mesmo, se tornariam a ver...

Dir-se-iam adeus — o adeus repassado de infinita amargura e crucial saúde que se murmura, com a alma despedaçada, junto dum morto querido, cuja longínqua sepultura se sabe que jamais se poderá visitar — e depois, cada um seguiria o seu caminho, caminho êsse que cada vez os separaria mais um do outro...

Adeus! Adeus, depois de haverem percorrido nos braços um do outro, com os lábios unidos num beijo sem fim, a mais bela parte da estrada florida da mocidade!



Maternich (Retrato por Thomas Lawrence)

Ele partiria e, uma vez lá longe, em França — pensava Sofia com o maior desespero — esquecê-la-ia bem depressa. Os homens esquecem depressa, sobretudo quando são belos, quando têm vinte anos e quando são senhores dum trono... Outras mulheres surgiriam na sua vida. Mulheres possuidoras de corpos belos, muito mais belos talvez do que o seu, mas dotadas de almas muito menos sinceras, muito menos apaixonadas, muito menos fiéis...

Depois, um dia, a necessidade dinástica obrigá-lo-ia a escolher a sua esposa, a sua imperatriz. Não seria uma princesa, não, nem uma arquiduquesa. Franz de modo algum renovaria a loucura de seu pai, ao julgar que a filha dos seus maiores inimigos vencidos seria para êle uma esposa dedicada e fiel, tanto na fortuna, como na adversidade.

A imperatriz de Napoleão II — cogitava Sofia da Baviera, continuando a des-



«...reunirão mas seguem sempre» (Litografia de Raifer)

fiar as contas do rosário dos seus tristes pensamentos — seria talvez uma Bonaparte, uma dessas belíssimas jovens de corpos de estátua, perfil de medalha e longos cabelos negros, no género dessa outra sobrinha do Grande Corso, a condessa de Camerata, que lhe tinham mostrado no Prater.

Outra mulher conheceria — e legitimamente, sem receios nem remorsos! — a inebriante doçura dos beijos de Francisco Carlos. Outra mulher conheceria a estonteante volúpia das suas íntimas carícias. Outra mulher conheceria a suprema ventura de ser mãe dos seus filhos!

E ela ficaria em Schoenbrunn e na Hofburg, naqueles palácios vastos e silenciosos como túmulos, vivendo unicamente da recordação das horas para sempre volvidas. . .

Por momentos, a amorosa, a amorosa cujos lábios estavam ainda frementes de beijos, a amorosa cujo corpo estava ainda vibrante das carícias do amante, venceu em Sofia a grande amiga. Por momentos, ela esteve tentada a empregar todos os esforços para o reter na cadeia dos seus braços. Por momentos, esteve quasi decidida a embriagá-lo de volúpia, para o fazer esquecer a Glória. . .

Era a revolta — aliás bem humana — da amorosa cujo coração e cuja carne se erguiam num desespero, á idéa de perder o amante!

Mas o amor, êsse amor verdadeiro que só as almas de elite podem conhecer, é tôdo feito, não de egoísmo, mas de abnegação e sacrifício.

A princesa Sofia era uma dessas raras almas de elite que, de longe em longe, florescem na Terra. Amava verdadeiramente o filho de Napoleão.

Volvidos alguns minutos, a luz voltou a iluminar o seu espírito obscurecido e a grande amiga venceu para sempre a amorosa.

Não tinha o direito — reconhecia — de, arrastada pelo egoísmo da paixão, condenar o ente que mais amava na vida, aquele que para ela representava tudo no Mundo, ao exílio, ao infortúnio e à obscuridade. Todos os seus esforços deviam, pelo contrário, conjurar-se para o conduzir à Pátria, à Ventura e à Glória!

Apezar de tôdas as diligências de Metternich, Francisco Carlos era sempre o "Filho da Águia". Tinha asa se, por conseguinte, direito a voar. Era tempo que as portas da prisão dourada de Schoenbrunn onde êle vegetava, cercado de espíões e de inimigos, se abrissem para êle levantar vôo!

Seria um crime rouba-lo ao seu destino. Era à Glória que êle fôra consa-

grado desde o seu primeiro instante de vida. Era à Glória, portanto, que êle pertencia!

A princesa da Baviera erguia resolutamente a fronte. O seu delicado rosto, como que nimbado duma auréola de sacrificio, resplandeceu de nobre e tocante beleza. Um sorriso infinitamente doloroso, mas absolutamente heróico, franziu-lhe os lábios descorados.

Tôdas as carícias da paixão egoista haviam desaparecido. Só ficara o amor — o amor verdadeiro e puro como apenas o experimentam as almas duma rara generosidade e nobreza — tôdo feito de altruísmo e de imolação.

De imolação, sim, porque Sofia ia imolar-se em holocausto ao homem amado.

Se chamam mártires de amor àquelas a quem o amor despedaçou, como deveríamos então chamar aquelas que, levadas por um altruísmo verdadeiramente sublime, renunciaram ao seu amor para fazerem a felicidade do homem amado?

Essas é que merecem o nome de mártires. As outras, são as vítimas.

— A França, há-de chamar-te um dia — exclamou por fim a arquiduquesa, diligenciando, à custa dum esforço sobre-humano (outro milagre de amor!) ocultar o seu desespero — não duvides. Há milhões de homens para quem tu és sempre o "Filho da Águia". É em ti que eles colocam tôda a sua confiança e tôdas as suas esperanças!

— Tens razão, Sofia, tens razão — respondeu o príncipe com o rosto iluminado pela chama do entusiasmo. A estrela de Napoleão, depois de tantos anos de eclipse, há-de reaparecer para guiar os meus passos!

Um dia, hei-de passar o Reno e entrar em Strasburgo. . . A França inteira erguer-se-á para vir ao meu encontro. . . Avançarei, seguido pelo exército e pelo povo, de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, até avistar as torres de Notre Dame!

Entrarei em Paris. . . Envergarei o uniforme dos caçadores da Guarda. . . Verei tôdos os antigos companheiros de armas de meu pai. Verei Bertrand, Montholon e tôdos aqueles que no infortúnio, no exílio e na prisão lhe permaneceram fieis. . . Verei tôdos os gloriosos sobreviventes da velha Guarda. . . Os *grognards* rirão e chorarão, ao mesmo tempo, de alegria, por verem finalmente senhor da França o filho daquele que eles tanto amaram. . . Por-me-ei à frente deles e depois gritarei ao czar, ao imperador e ao rei da Prússia: Agora, vinde tomar-me!

Sofia olhava-o, tomada dum profundo

pasmo. Já não era o pálido e romântico príncipe austríaco que tinha diante de si.

De facto a rajada de entusiasmo que fazia vibrar a alma do "Aiglou", dir-se-ia que virilizára, que transformára quasi por completo seu delicado físico. Com os cabelos desfrizados pelo vento, ondeando revoltos, o olhar imperioso, o rosto endurecido, o corpo alteado num impulso supremo de energia, êle parecia outro homem. Um homem belo e indômito como Bonaparte na ponte d'Arcole.

O sangue corso, na realidade, vencia completamente naquelas veias o austríaco!

Quem o visse como naquele instante reconheceria nele imediatamente o "Aiglou", o Pequeno Bonaparte, o Filho do Homem.

— Hás-de reinar, Franz — exclamou Sofia, agarrando-lhe as mãos — há-de reinar! Do duque de Reichstadt, como a borboleta da crisalida, há-de surgir Napoleão II!

Para mim estarás perdido, mas serás feliz e eu envelhecerei triste, mas resignada, pensando que fui eu que, em parte, contribui para te restituir à Pátria, à Glória e à Felicidade!

Francisco Carlos despertou do seu sonho, ao ouvir aquelas palavras em que tôda a beleza moral da amante transparecia, e extremamente comovido, reconhecendo a imensidade do sacrificio daquela alma, sentiu a sua energia e a sua coragem fraquejarem.

Mas não seria indigno vacilar — pensou — quando a mulher, o ente mais fraco, lhe ditava o exemplo?

Tomou-a silenciosamente nos braços, sem saber como exprimir-lhe tôda a sua admiração e reconhecimento.

— Queria ter um filho — murmurou de súbito a princesa, erguendo para o duque o seu rosto orvalhado de lágrimas — um filho teu que em tudo se te assemelhasse!

Era êsse o secreto desejo do coração de Sofia da Baviera. Um filho!

Um filho, isto é, êle e ela unidos para sempre num pequenino sêr!

Essa criança, fruto dum amor tão forte que os levára a esquecer as leis dos homens e tão grande que só a morte extinguiu, havia de vir ao mundo para nele ser o desventurado imperador Maximiliano I, do México, "a bela flor dos Habsburgos tombada em terra bárbara, numa manhã de verão".

A MORTE DO PAPA PIO XI

O cadáver do Papa Pio XI exposto na capela do Sacramento na basílica de S. Pedro. — *Ao centro*: O túmulo de Pio XI nas criptas do Vaticano. — *Em baixo*: O chefe do Estado e o sr. Cardinal Patriarca durante a celebração das solenes exéquias por alma do Papa Pio XI na igreja de S. Domingos





Cenas da Natividade e Adoração de Jesus, no sepulcro de Afonso Sanchez em Vila do Conde

ATOUGUIA DA BALEIA, à beira da estrada que liga Peniche a Óbidos, foi um burgo fidalgo e rico, com tradições heroicas e lendas milagrosas, com foros e soberbas concelhias, atestadas agora apenas por um pelourinho e outras pedras arruinadas, além das prosápias arquivadas em papéis. Possui pitorescos terreiros de solares e duas magníficas igrejas: — uma é pomposa e curta em puro estilo barroco, pesada, austera e magestosa, com altares italianos de embutidos policromos, e a outra é uma das mais nobres e singulares igrejas românicas que temos, enxertadas com janelões góticos e altares de talha dezotista, não falando na calíça do século imediato, democrático e irreverente, que ofusca um ou outro remendo das eras renascentes ali chapeados.

Hoje é um povoado pobre e triste, limpo, humilde e ventoso. Quem ali passa mal pára, porque não tem venda de esquina para matar seqidões de cami-

nhada, nem gasolina para motores, nem chamariz turístico para moicanos de

brique-á-braque. Mas se adrega de parar ali o viandante, tem uma linda paisagem para admirar, de matizes finos nas colinas, cheirosa à maresia salina que o vento espalha; e se o peregrino é dado a meter o nariz nas frinchas do passado, lá topa, entre a poeira das pedras rústicas, santos motivos para deleites e pasmações. O monumento que através das intempéries dos séculos os homens conservaram, e que mais agrada ao vulgo, é o chamado *Monumento esquecido*, do Padre Nunes Tavares, engenheiro e inaugurado nos fins do século XVII, cujas proporções nos parecem encurtadas por um irrespeitoso alteamento do solo, mas às quais a nossa vista depressa se habitua, apercebendo por fim a sua curiosa trama, com um alpendre de colunas bojudas ao redor do templo, e com duas tôrres sineiras de imponentes avanços à caprichosa fachada do centro, de forte massa arquitectónica, em curva de arco de flexa e uma rosácea no eixo.

O terreiro é vasto e de bons ares, com uma feira de esteios furados, erguidos como padrões em linha de parada, até às bandas dos moinhos. O altar-mór da Real Capela de Nossa Senhora da Conceição, tem magnificências de mármore incrustados, que senhores de bens mandaram vir de Itália. A Virgem antiga, pequena e coberta de brocados, possuidora de joias e de boas famas de milagre, acolhe os crentes, lá no seu trôno que sobrepõe o sacrário. Tudo nela é saúde duns tempos afortunados que a sorte apagou, e hoje é somente uma relíquia do orgulho dos indígenas, que mal a freqüentam.

O outro monumento é menos pomposo, mas é mais belo, mais antigo e muito mais sedutor de cantarias e peças de arte. Tem duas formosas portadas de capiteis gastos, e dentro é dividida em três naves, cujas colunas são de encanto, sobretudo nos remates com folhagens largas, ornatos sóbrios e fi-

Baixo-relêvo na pilastra exterior da Catedral de Orvieto

Um curioso baixo-relêvo

guração simbólica, como manda o gôsto românico. Bem reclama e merece ser restaurado, isto é, restituído à sua primitiva beleza, o que seria de fácil realização, visto ter ao leu os seus segredos originais, depois de terem caído os rebôcos dos ajuntamentos ocasionais dos séculos. O gótico remendou-a com respeitáveis enxertias que agora se devem conservar.

Descrevê-la, a-pesar de ser fácil, não é meu intento; contar dos seus tesoiros também por razões de ordem disciplinar não me compete fazê-lo. Como escultor desejo apenas referir-me a duas obras de bela imaginária ali patentes, estudadas por sábios críticos, que me impedem veleidades de clarim de novidades, quando já foram divulgadas por outrem. Refiro-me à imagem de "Santo Eduardo", em madeira, postada no lado direito do altar-mór, estofada e encantadora. É uma escultura portuguesa que deve datar do século XVII. O santo tem uma linda cabeça, larga e bem talhada, que em proporcionadas formas, realça na indumentária singela do hábito. A mão esquerda, que segura um livro grande e perpendicular, tem determinado movimento que denuncia grande observação do natural, negando maneirismos peculiares na imaginária daquela época, para provar as características apregoadas de bons visionários, nos artistas portugueses.

Calha a talhe de foíce a recordação dêste alimentado princípio de nós sermos mais uns intérpretes ajuizados e líricos, do que prôpriamente criadores de fantasias abstratas ou estilisadores das formas naturais. Isto não nega, contudo, a imaginação dos nossos artistas, revelado no compor e pormenorizar das suas obras. Os críticos de arte, geralmente exageram na defesa das suas obsessões de teóricos, as assimilações que nos atribuem das obras alheias. Na sua irredutibilidade de juizes na estética, esquecem-se da generosidade e largueza com que devem examinar o âmago da arte. Chamam-nos escravos da verdade, e ao mesmo tempo acusam-nos de poesia. Pretendem favorecer as nossas particularidades de observadores, dando-nos jeitos para retentivas que impedem traduções livres, distraíndo-se da invenção, transplantação e até deturpação estilística em muitos casos, que nos fez imprimir cunhos de nacionalidade ao românico, por exemplo, inventar a exuberância do *manuelino*, afidalgar o barrôco e transfigurar muitas vezes a terra num ceu aberto de venturas e efeitos. Imaginários queremos ser, mas pelo sentimento e pela graça do espírito. Se tivéssemos tantos olhos como dizem, com a habilidade que Deus nos deu, talvez que o nosso lugar fôsse mais respeitado por quem se ocupa dêstes problemas.

Aqui temos um documento desta afirmação, no baixo-relêvo da "Natividade", existente na matriz de Atouguia da Baleia. A sua concepção de sentido poético e extremamente simplista, em relação aos



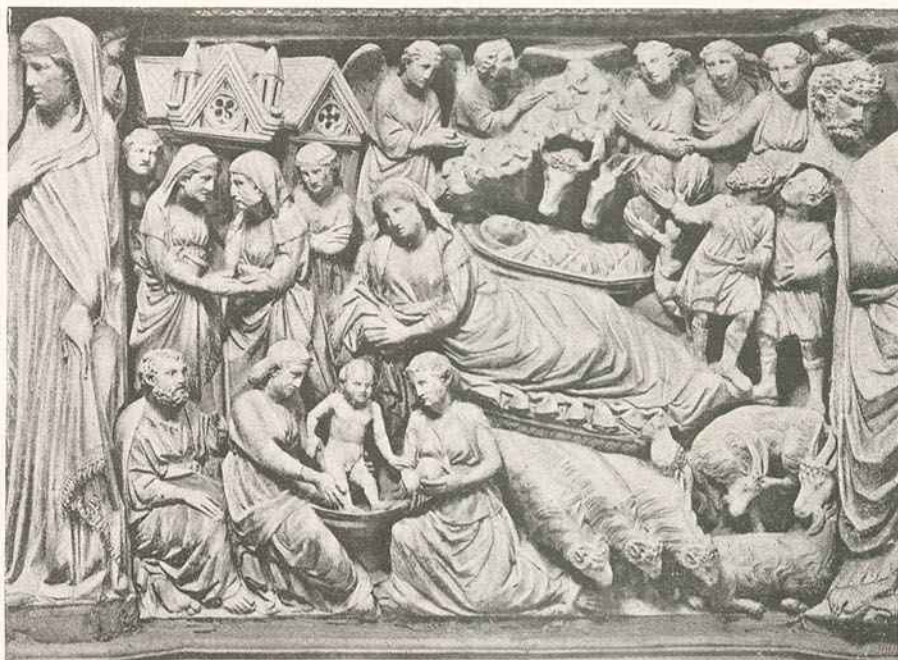
representando a Natividade

quadros estrangeiros sobre o mesmo motivo, teve uma nova resolução decorativa, na sua composição de efeitos pictóricos e gloriosos. Vê-se que quando êle foi executado já existia pintura em Portugal. É de presumir que seja obra do século XIV, baseado no gótico da mais singela expressão, vindo das catedrais francesas. O seu delineamento é feito sob aquela influência, mas a sua execução é, pelo estudo da técnica e das resoluções dos pormenores, fruto dum jeito português, sujeito á disciplina profissional mais das bandas do sul do país que das oficinas coimbrãs, onde mestres de fora haviam arribado. A pedra em que foi lavrado é mole e friavel, como de resto parte da igreja onde se encontra, dum calcáreo poroso e pouco refratário ás inclemências do tempo.

Representa êste relêvo a cena sagrada do *Presépio*, com a Virgem deitada em singelo leito coberto de panejamentos, tendo a cabeça, de toucado em pregas e à maneira das imagens giotinas, apoiada num cochim como os das jacentes tumulares. Mais sóbria que os famosos grupos do Natal em Chartres ou Reims, lembra no entanto a escultura de Amiens, que se repetiu em miniaturas de livros e em vidrais antigos. Os braços finos da Virgem, que contrastam com o volume da cabeça largamente coifada, entretêm o Menino com o brinquedo duma flor e dum pequeno livro, enquanto dois sujeitos turbulários incensam a cena, assistida pelos animais de Belém e pela figura de S. José, em dimensões mais reduzidas, alheio na sua meditação, segurando um bastão com o punho em forma de T, e sentado num banco de tribuna.

O rosto do patriarca é trabalhado com finos recortes, desde os do gôrro aos das barbas. Todo o quadro é limitado por uma cortina de alcova. Esta escultura foi por certo pintada na sua primitiva, como atestam os restos de tinta e ouro que se vêem na grade que serve de fundo ao Menino, o qual tem nas mãos um pómo.

Ainda que delineada no gôsto da arte francesa de então, podemos considerá-la esculpida por nacionais, cujo mestre tocou um outro ponto da obra com afinamentos de melhor prática profissional. O dr. José de Figueire-



Pormenor dum púlpito em Ste-na, por Nicolau Pisano

do, na "Lusitania", estabeleceu um paralelo entre êste retábulo e o do tríptico de Guimarães, de grandes parentescos. Outras composições, porém, se lhe assemelham, em púlpitos, sarcófagos e altares, que muito se estimam e protegem lá fora, sobretudo em França e Itália, enquanto êste parece abandonado no plano fundeiro dum altar duma bela igreja esquecida. Houve uma espécie de padrão convencional, em tôda a parte, para representar o Mistério da Natividade, que modificado nos séculos XVII e XVIII, criou o pitoresco molde dos presépios movimentados, populares e deliciosos, mas também sujeitos ao parentesco estético de todos os países. No sepúlcro de Afonso Sanches, em Vila do Conde, assim como no marfim gótico, de Évora, as cenas do "Nascimento," e de "Adoração," são igualmente esculpidas com

grande beleza, não possuindo todavia o encanto dêste sumarizado retábulo, que para mais é o mais antigo que Portugal possui.

Urge defendê-lo e valorizá-lo, assim como à igreja onde se encontra, que sendo uma linda peça de arquitetura, é detentora ainda de preciosas tábuas com pinturas primitivas e outras mais recentes, todas já inventariadas pelo Estado. O painel de "S. Leonardo," assim como as quatro tábuas do altar-mor em que "Santo António," se destaca, e o quadro com a "Virgem e o Cristo morto," assevilhanisado, dramático e escultural, mereciam bem um estudo de alguém que ali fôsse de propósito, para irmos dizendo ao Mundo que o nosso passado não é somente o que anda dito e redito por todos os papeis, e mesmo sem propósito justificado muitas vezes.

DIOGO DE MACEDO



«Natividade» — escultura existente em Atouguia da Baleia

ASPECTOS DA GRANDIOSA MANIFESTAÇÃO ao sr. Presidente do Conselho, Dr. Oliveira Salazar



A grandiosa manifestação tributada ante-ontem ao sr. Presidente do Conselho, mostrou claramente que as classes trabalhadoras de Portugal compreenderam o formidável estílo do insigne estadista que salvou Portugal, elevando-o à categoria a que lhe é legítimo direito entre as outras nações.

Ele próprio o disse no seu eloquente discurso:

"Eu não sou um ideólogo que vive em utopias, nem de tal pode acusar-se quem é obrigado a viver em cada dia pela inteligência e pelo coração muitos anos do futuro. Leio em grandes frases soltas, pensamentos extraídos já não sei donde — aspirações de um dia. Caiu a semente na terra sequiosa e germinou, e viceja, e frutifica na mesma seara que os nossos olhos vêem: à descrença dos pessimistas apresenta-se realidades palpáveis.

E quando, por ocasião das festas centenárias, realizarmos o primeiro Congresso das Corporações, alargada a organização e os seus benefícios pela progressiva integração de tódá a actividade nacional no plano corporativo, seguros de havermos regenerado a Nação e conscientes do papel que ainda lhe está reservado no Mundo, poderemos inclinar nossas bandeiras ante a memória dos que fizeram Portugal e ser-lhes orgulhosamente: — nós somos bem os filhos do vosso sangue e os legítimos continuadores da vossa História!





de criança no véu do seu íntimo noivado.

Eu não sei de quanta amargura possa haver neste baquear de ilusões... Mas deve ser horrível para uma mulher ver desfeito o maior sonho da sua vida, quando o homem que

tanto ama tenha de lhe dizer: — Vai, eu não posso amar-te...

Começa aqui o calvário desta mocidade estuante e viva, que se sentiu à beira de quanto idealizara e vê sumir-se num redemoinho de negruras tudo... mas tudo!

— Voltar a amar? — quantas vezes esta interrogativa andou no seu peito!

— Renunciar? — outra pergunta que tangia na sua inteligência.

Mas era nova — vinte anos — bonita, desprezara conveniências, sacrificara ao pensamento dominante da sua vida o seu coração...

E deu um passo em frente: Divorciou-se. A vida pregada ao cadáver do seu grande sonho podia morrer também.

Esta conquista duma convencional liberdade não a desvaivava, mas punha-a à vontade e dava-lhe horizontes mais largos e desobrigava-a de certas explica-

«QUE era um enigma...» — afirmava ela, servindo-se destas palavras, mais como escudo, do que como definição da sua psicologia.

Há muitas mulheres assim... Mas esta não era como as muitas, embora fôsse mulher.

Margarida aparece a viver a vida alta das grandes emoções quando sentiu a sua primeira desilusão, a maior, aquela que imprime carácter na alma duma mulher: Amara, casara, mas o homem que ela escolhera para seu companheiro, aquele em quem consubstanciara tódas as suas aspirações, tódas as suas ansiedades e que faria a sua esufiante alegria de viver, não a merecia... Não a podia merecer. Porquê? Os dois o sabem, e dêsse segredo conhece-se apenas que Margarida, passados oito dias sobre o seu casamento, ainda podia embrulhar a sua candura

O ENIGMA DE MARGARIDA

ções e tirava de tudo quanto lhe dizia respeito aquele picante que têm as mulheres casadas, separadas dos maridos sem a fórmula legal.

E... olhou-se. Lá estava no cofre do seu toucador a grinalda de flor de laranja que puzera naquela manhã fresca de Abril para ir dizer o "sim" diante do oficial do registo civil. O seu vestido de noiva, o seu véu... E murcho, mas ainda perfumado, o ramo de lírios que apertava ao peito nesse dia que lhe foi de luto e de tristeza...

Final, um passado que era presente. Tudo aquilo ainda podia ostentar se quizesse, e todos os dias abrem por êsses vales lírios brancos e açucenas...

Um enleio de amor prendeu-a. A beleza vence a virtude e raro a reflecte. Andava o seu coração viuvo de sonhos e de ilusões. A sua alma tinha a algidez duma lousa funerária.

Só o amor a podia erguer alto e dar-lhe alegria.

E amou! Vollou a amar! E tudo era diferente. A chama de outrora era agora labareda que a consumia. Aquelas duas almas uniam-se numa pira e subia-lhes aos olhos a transparência duma grande aspiração em que iam comungar os sentidos. Era a vida do amor!

Mas... os preconceitos? Que importa isso se o amor é ainda — e sempre — a remissão de tudo?

E amaram-se numa loucura de desejos, parecendo-lhes que o mundo lhes fugia para esgotarem todo o encanto que a vida dá a quem a quer viver!

O fundo do quadro era igual em tudo! Secara-se o desejo, feneceu a ansiedade, morrera a ilusão e de novo Margarida voltou a olhar a sua grinalda, o seu véu de noiva, que nem já de mortalha lhe poderia servir...

E a candura e a inocência e a graça de ser pura tinham succumbido para sempre nesse amor tão forte — espécie de fogo de palha — que era agora a sua mais pungente recordação!

Nem saúde? Nem saúde! Tudo fora uma loucura, um desvário. Uma daquelas horas más que batem na vida e, quando se ouvem, decidem da vida. Que fazer?

Reagir. Renunciar ao amor? Nunca! Mas... ter com o amor as maiores cautelas.

E aqui surge o "Enigma", que passará a ser o "loup", côr de rosa de Margarida. O seu escudo. A armadura com que abroquelará a sua alma, para lutar e vencer.

Lançou-se numa vida de relações. — Êste dinamismo que coloca as pessoas diante de tudo quanto há de mais inesperado e de mais inexplicável. Procurou dar nas vistas.

Hoje almoçava com o dr. X., amanhã tomava chá com o escritor Z... Fre-

qüentava as reuniões chiques, ia às primeiras récias, via as estreias dos melhores filmes e procurava impressionar a turba com a sua beleza e com o seu estudado desinteresse de tudo e por tudo!

E surgiu a intriga. Margarida, tornada Penépole, procurava ser-lhe superior. Tinha uma vida irrepreensível... E subia a onda.

Perguntava-se: — Quem é esta rapariga?

Uns respondiam com verdade, outros encolhiam os ombros e mastigavam uma dúvida.

— Vi-a, outro dia, no "Tavares", com



o Fausto Menezes... Fumava com delicioso encanto um cigarro caro...

E aumentava a má língua.

— Também a vi, há dias, no "Oriental", com o Júlio Moreira...

— Ontem, à tarde, subia a Avenida a guiar um automóvel branco...

— Ia com alguém?

— Ia sôzinha...

Margarida não tinha forças físicas, nem reservas de coragem para resistir a tudo isto. Fugiu de Lisboa.

Para onde? Ninguém sabia.

Nostálgica desta cidade "de muitas e desvaivadas gentes", voltou. Vinha mais senhora de si. Com o aspecto de pessoa curada e disposta a enfrentar uma vida nova.

E assim foi. O jornalismo seduzia-a. Tentou-o com brilho. O seu nome assinou alguns artigos de interesse. Foi a "menina bonita" dos rapazes dos jornais e conquistou-os fulminantemente.

Todos a consideravam. Muitos deles ergueram fantasias... Era boa camarada. Amável e distinta. Estendia, com insuperável elegância, a sua pequena cigareira a quem se abeirasse deia para conver-

sar. Esta cigareira era o seu "para-choques"... — e tagarelavam.

Sentia-se na sua alma uma grande insatisfação. Queria ganhar a vida — dizia. Era humano. Mas queria também agitar o seu nome como bandeira das suas aspirações. Esta era a vaidade de mulher...

O passado tinha-o de mágoa e terror. Voltar a êle seria matar tudo quanto andava na sua vida feito de ansiedade e sonho...

E... escreveu, e falou, e fez-se notada.

Pródiga nos sorrisos, nas graças e nas atenções, envolvia todos — mas todos — num grande encantamento.

Os homens olhavam-na. Ela via-se mulher e sentia que o era. Mas a sua máscara cor de rosa não a deixava transpirar.

Jurara! E... as mulheres quando juram...

E tudo quanto em si sentia de feminino e gracioso, de envolvente e sedutor, punha ao serviço da sua ideia fixa: ganhar a vida!

As reminiscências do passado feriam-lhe a sensibilidade... Não podia negar que lhe andava na alma um fogo a consumi-la lentamente.

— Mas, não! — dizia — por êsse preço é muito cara a vitória que pretendo alcançar. Irei por outro caminho...

E no fim de todos os caminhos havia um sorriso a envolvê-la e um desejo a massacrá-la.



Ela não queria deixar-se envolver por êsse sorriso, nem satisfazer êsse desejo.

.....

Um dia — daqueles que só aparecem uma vez na vida — deixou-se tocar duma grande paixão. Não soube reagir. A luta venceu-a e o coração e os sentidos cederam.

— Se para vencer é preciso que ame, amarei para lograr o que quero, o que desejo...

E amou! E conquistou! Margarida é hoje uma das mais brilhantes escritoras portuguesas.

O seu véu de noiva cobre agora o berço do seu filho. De recordação guardou na alma a imagem do seu "Enigma", — o "loup" cor de rosa, que cuidava ser o seu broquel.

.....

As mulheres nunca renunciam ao amor. Repelem-no quando vêm nele razões de sofrimento e tortura. Andam a enganar-se para depois encherem a vida de maiores ilusões!

MÁRIO BARROS





Casamento da sr.^a D. Celeste César Nunes com o sr. Henri-
que Jorge de Sampaio Pereira de Sousa Machado

Festas de caridade

No CASINO ESTORIL.

A favor de várias obras de beneficência do Estoril, efectou-se na tarde do dia 16 de Fevereiro passado, no salão do restaurante do Casino Estoril, gentilmente cedido pela direcção, uma interessante festa de caridade, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade e da colónia inglesa actualmente passando o inverno na Costa do Sol, sob a presidência de Lady Selby, esposa do ilustre Embaixador de Inglaterra, em Portugal, sir Waldord Harwood Montagne Selby, e da qual faziam parte D. Branca de Sommer de Andrade, D. Clotilde de Melo e Faro de Figueiredo, Condessa de Murça, Condessa de Peniche Condessa de Vil'Alva, D. Eugénia Costa Cardoso, D. Josefina Arbues Moreira, D. Maria Leonor Madureira, senhora de Abererombie, senhora de Buckall, senhora de Gardner, e senhora de Geugh.

A festa constou de «chá» durante o qual se exibiram gentilmente o distinto artista Alberto Xavier Pinto, do «Retiro da Severa» que se fez ouvir em vários fados de Coimbra, acompanhado por distintos amadores, e os distintos amadores D. Eliza Neto Afonso, e Miss Violet Etheringto-Smith, que se exibiram em uma «pavana», Mrs. Etheringto-Smith, executou várias dansas escocesas, Miss Violet Etheringto-Smith, exibiu-se novamente em outras dansas, e finalmente, um gracioso grupo de gentis meninas pertencentes à nossa melhor sociedade dos Estoril e Cascais, apresentou-se em dansas e cantares regionais portugueses, recebendo todos os intérpretes do programa frenéticos aplausos, sendo sem dúvida alguma o último número o «clou» da festa.

Na assistência notavam-se além de grande número de famílias estrangeiras, que estão passando o inverno na Costa do Sol, as seguintes senhoras:

Lady Selby, Condessa de Vil'Alva, Condessa de Monte Real, Condessa de Murça, Condessa de Peniche, D. Maria Guedes de Lemos, D. Alda Guedes Pinto Machado e filhas, D. Alice Guedes de Herédia, D. Marta Pusich Pimenta Pereira Cabral, D. Branca de Sommer de Andrade, D. Clotilde de Melo e Faro Figueiredo, D. Leonor de Almeida e Silva Marques Guedes, D. Maria José da Silva Carvalho Santos, D. Josefina Arbues Moreira, D. Maria Leonor de Sousa Madureira, D. Laura Serrano Teixeira de Sousa, senhora do dr. Alexandre Cabedo, D. Irene de Sousa Loureiro, D. Elisa da Câmara Leme de Serpa e filhas, D. Felismina Canas Car-

VIDA ELEGANTE

dim, D. Tomásia Canas Ereira, D. Laura Canas de Aguiar, D. Alice de Sousa Melo e filha, D. Lucília Pereira Catarino e filha, D. Maria do Carmo da Silva Carvalho Santos Lima, D. Maria Amélia de Guimarães Carvalho, D. Albertina Neto Afonso, D. Rosa Barroso de Matos Cid e filhas, D. Maria Alice Guedes de Herédia da Bandeira, D. Maria Helena Belmar da Costa Morais, D. Maria Craveiro Lopes Preto, D. Ilda Brandão, D. Maria da Conceição de Freitas Ribeiro Salgado, D. Maria Antónia Pimentel Sobral Cid Rebelo, D. Eugenia e D. Sara da Costa Cardoso, D. Maria Antónia de Saldanha Marrecas Franco, D. Maria José da Silva Carvalho Santos, D. Maria Inez Pessanha do Lago (Arcas), etc.

A comissão organizadora deve decerto ter ficado plenamente satisfeita, com os resultados obtidos, tanto financeiro, como artístico e mundano.

Nas Belas Artes

Nas tardes de domingo e terça-feira gorda, realizaram-se no vasto «hall» da Sociedade Nacional de Belas Artes, à rua Barata Salgueiro, as tradicionais festas infantis de caridade, levadas a efeito por uma comissão de gentis meninas e rapazes pertencentes à nossa primeira sociedade da qual faziam parte Daise Cohen de Bertencourt, Isabel Lobo da Silveira Bleck, Isabel Maria Centeno de Lencastre Freitas, Margarida do Carmo da Câmara de Saldanha (Rio Maior), Maria da Conceição Lobo da Silveira Bleck, Maria Luiza Lobo da Silveira Mascarenhas Fiuza, Maria Muad Cohen Fevereiro, Maria da Piedade Lobo da Silveira Mascarenhas Fiuza, Sofia Patrício Lobo da Silveira Bleck, António Alberto de Herédia da Bandeira, António Gentil Guedes de Herédia, Carlos Cohen de Bertencourt, Fernando de Mascarenhas Cassiano Neves, e Pedro Jaime Serpa Pinto de Lencastre Freitas, cujo produto se destinava a Favor de várias obras de beneficência.

Houve «chá dançante» que foi abrilhantado por duas exímias orquestras «jazz-band» e concurso de creanças mascaradas, em que foram disputados artísticos prémios.

Durante as tardes de domingo e terça-feira gorda, o vasto «hall» da Sociedade Nacional de Belas Artes, esteve sempre repleto de tudo que de melhor conta a nossa sociedade elegante.

Carnaval elegante

O carnaval de 1939, foi um pouco prejudicado com o falecimento de Sua Santidade o Papa Pio XI, contudo ainda mesmo assim houve algumas festas que marcaram pela animação e elegância, entre as quais figuram em primeiro lugar os bailes do Club Brasileiro, na noite de sábado gordo, em que foram inauguradas as salas da sua nova sede, à rua Victor Cordon,

baile a que assistiram além do ilustre Embaixador do Brasil em Portugal sr. Dr. Artur Guimarães de Araujo Jorge, sua esposa e filha, grande número de senhoras do corpo diplomático, da nossa primeira sociedade e da colónia brasileira em Lisboa, e na segunda-feira gorda, no Grémio Literário, o tradicional baile de carnaval, organizado pela direcção desta aristocrática agremiação, baile que decorreu sempre no meio da maior animação e alegria: notando-se na assistência, tudo que de melhor conta a nossa primeira sociedade, e no Casino Estoril, nas quatro noites de carnaval, mas sobre tudo na de sábado e terça-feira, em que ali se reuniam tão grande número de pessoas, que com dificuldade se andava, tanto no salão do restaurante, como «hall» e salão de festas.

Em todas estas festas de carnaval brincou-se com entusiasmo, tendo-se prolongado a dança até de madrugada, sempre num crescente de animação e alegria.

Casamentos

Realizou-se na igreja de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.^a D. Celeste César Nunes, filha da sr.^a D. Maria Bárbara César Nunes e do sr. João Nunes (já falecido), com o sr. Henrique Jorge de Sampaio Pereira de Sousa Machado, filho da sr.^a D. Matilde Parreira da Silva e do sr. António Augusto de Oliveira Machado. Serviram de madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a D. Elisa de Sá e Vasconcelos e de padrinhos os srs. Avelino Vasquez Alvarez e o pai do noivo.

Aos noivos foi oferecido grande número de valiosas prendas.

— Em Cascais, celebrou-se na paróquia de Nossa Senhora da Assunção, o casamento da sr.^a D. Lidia Silva, interessante filha da sr.^a D. Ana Maria Rosa da Silva e do sr. Francisco José da Silva, já falecido, com o sr. Rogério Gomes Veloso, funcionário do Secretariado de Propaganda Nacional, filho da sr.^a D. Elvira Gomes Veloso e do capitão sr. Alfredo Veloso. Serviram de madrinhas a sr.^a D. Lucinda Silva de Abreu Nunes e a mãe do noivo e de padrinhos e sr. engenheiro Nunes e o pai do noivo.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, na elegante residência da mãe da noiva. Os noivos, a-quém foram oferecidas grande número de artísticas prendas, seguiram para o norte, onde foram passar a lua de mel.

D. NUNO.



Casamento da sr.^a D. Matilde de Vasconcelos e Sá (Albuquerque) com o capitão da Administração Militar sr. António Manuel Bruno Machado. Os noivos com os padrinhos

FOOT-BALL INTERNACIONAL

O DESAFIO PORTUGAL-SUIÇA

A' direita: Os nossos avançados carregam o guarda-redes suíço. *Ao centro*: As equipas suíça e portuguesa antes de iniciarem o jogo, e um aspecto do Estádio José Manuel Soares. *Em baixo, à esquerda*: O árbitro rodeado pelos capitães das equipas e pelos fiscais de linha. *A' direita*: A jogada que deu origem ao primeiro ponto português





II Eça não ficava mal, comparado com o Zola da rua de Boulevard. Ouçamos ainda Pina, convertido: "A literatura, para Eça de Queiroz, é uma necessidade, mesmo um remédio para não se extinguir aquele organismo tão deteriorado."

"Mas não lhe peçam crônicas para jornais, críticas de belas-arte, críticas de teatro ou críticas literárias porque nada disto o atrai, nada o interessa. Diziam-lhe: "As abelhas só sabem fazer mel, e tu só se fazer romances!"

E agora, completamente acenta: "O este artista tão nervoso, que apoiava as suas crônicas para fazer obras primas, em nada se parece na maneira de escrever e de produzir com Emílio Zola, o artista operário, trabalhando lá na manilha o mesmo número de horas, produzindo todas as dias o mesmo número de folhas. Para Zola, a literatura é como uma fábrica, onde há um sino para anunciar os operários o começo e o fim do trabalho. Fora das suas horas, tudo, menos romance!"

Aí, que, de facto, em Junho de 1887 saí à luz — *A Religião*.

E *Os Malins* — precisamente dá a um artigo de *Insuares* a Zola, eis os livros: "Estavam ambos os romances impressos e brochados, como informara Pina — em maio de 1887? Duvido."

III

Que os dois romances haviam sido trabalhados juntos ou alternadamente desde 1884 até 1887, seria de supor. O próprio autor o confirma na sua carta a Luiz de Magalhães de 20 de Maio de 1886:

"Não lhe tinha querido escrever sem lhe mostrar os dois romances, como o *Escabero*, nunca chegava, nem com névoa, nem com sol. O *Genicliouso*, porém, deve ser testemunha que eu tenho escrito o primeiro e o segundo de trabalho, já com *Malins*, já com *A Religião*."

Mas ambos impressos e brochados, prontos para a venda, desde Maio de 1887 — é o que não se acredita!

A Religião causou a mais estranha emoção no público; que conhecia Eça de Queiroz, e aqui não era um romancista realista! E a Crítica oficial emudecia...

Não ilustrado, de 30 de Julho de 1887, Mariana Pina dedica-lhe um longo artigo, de seis manchetes extensas, em que mistura o seu entusiasmo com reflexões desconcertantes:

"Se *A Religião* fosse inteiramente um romance, esse livro estaria condenado pelos princípios mais elementares da crítica, que a quer que na obra de arte todos os elementos sejam *carregados*. Se *A Religião* fosse um tratado de teologia, os leitores hesitantes sem saber qual o fim do livro: se os elos se conectam unicamente ao quadro histórico do palácio de Cristo, ou se se convertem em um tratado, como seria de todo o ponto racional, para a completa nudez deste tipo notável, dessa figura típica duma sociedade, e que no livro se chama Teodoro Raposo."

UMA CRÍTICA SOBRE EÇA DE QUEIROZ

De como escreveu "Os Malins" e "A Religião"

Lo ego atinge o ponto crucial da questão:

"Mas *A Religião* não passa duma fantasia, fora de todas as leis que a estética impõe ao romance; de direcção em forma de novela, da *descrição naturalista* duma viagem de Lisboa a Jerusalém — impressões de viagem, quadros de género da vida lisboeta, e evocações históricas."

"Impressões de viagem: tipos, marinhas e paisagens, o sr. Eça de Queiroz traça-os com mão de mestre, possuindo um nível variedade de notas, desde o romantismo poético de Méry, desde o romantismo sensual de Gautier, até às belas largamente *insuares* a Zola, eis os livros: *Os Malins* e *A Religião* de Flaubert, *o Taine* e *o Goncourt*."

"Nos quadros de género da vida lisboeta o sr. Eça de Queiroz traça-os com graça, pignório, e verdade, tudo quanto se pode ambicionar de mais completo..."

E segue o elogio, avassaladamente: "Neste, ou outro, qualquer dos romances *A Religião* tem uma vida tão intensa e o sangue corre-lhe tão facilmente nas veias, como qualquer dos personagens da *Rochete* de *Tolstói*, do *Albert Senarvas*, do *Z. Marcos* ou do *Chef-œuvre inconnu*."

Assim chega ao cimo da obra, a visão de Teodoro, um velho de 152 annas, que — é um dos mais belos esforços de intelligência e de evicção que se conhece na língua portuguesa, não só pela riqueza, pela variedade, pelo brilho do estilo, mas também pelo escripto histórico e pela impressão de verdade flagrante que se evola de cada uma dessas páginas. Em *Alma Jambá* (Kemberberg), *o Tainha* (de Velasquez; *senior*), pela exactidão histórica da *mise-en-scène* e dos costumes, os quadros de *Alma Jambá*. Em *Alma Jambá*, 50 páginas, o mesmo estilo, se collocam ao lado das figuras de Renan, que escrevem a *Vie de Jesus*..."

Mas o grande golpe amigo Eça será vibrado no meio não amigo.

"Abordemos francamente o defeito artístico *A Religião*, defeito que, felizmente, o autor pôde corrigir numa segunda edição, com a mesma facilidade com que um escultor pode, no mármore, corrigir a deformidade dum miséculo que o artista errou no gesso. E a questão do erro ou do erro se conserva na primeira edição. Um personagem bastante medíocre e bastante ignorante, recebendo durante a sua viagem de Lisboa a Jerusalém impressões e sensações como se fosse um espírito superior, e vendo aspectos e indivíduos através dum prisma como só pôde possuir e manobrar um artista maravilhosamente dotado, como o sr. Eça de Queiroz."

EÇA DE QUEIROZ

Maias" e "A Religião"

Tuade! E em vão procurar alear: "Mas todos estes defectos de aritmetica, e não de factura, que se sempre impecável e por vezes sublime, são uma questão de simples *relação* numa segunda edição — numa dessas *segundas edições* em que o sr. Eça de Queiroz tanto se compraz em trabalhar, como se o artista considerasse a *primeira edição* como o *casulo* d'um novo ser, e a segunda edição a sua forma definitiva e final."

A verdade, verdade de entre tudo o que tão laboriosamente escrevia Mariano Pina, poderia encerrar-se nestas suas simples palavras:

"É difícil encontrar um artista mais amante da Forma do que é o autor *A Religião*."

Deixei *A Religião*, Eça deixou de ser propriamente um romancista; atingiu, porém, um poder de expressão verbal extraordinário, sem par na prosa portuguesa como então não havia, e que os quadros de *Os Malins* são uma obra, que na sua ideação, quer na sua urdidura, anterior á factura *A Religião*, e só a sua execução formal definitiva será, em grande parte, senão na totalidade, do mesmo período.

A Religião é, pois, um livro de transição, com defectos e qualidades dum movimento.

O que pensava o próprio Eça de Queiroz?

Agradecendo a Luiz de Magalhães *o artigo* *rejuvenescente* dum seu artigo *na Provincia*, assim descrevia-o:

"Eu por mim... não adiro pessoalmente a *Religião*. A estrutura e composição do livro são muito interessantes, e a esse mundo antigo está como um trampolão, e só antigo por *si*, nas exterioridades, nas vestes e nos edulcios. E não fundo uma paráfrase tímida do evangelho de S. João, com creações e fatos de teatro; e falta-lhe ser atravessado por um suor naturalista de ironia forte, que daria unidade a todo o livro. É Raposo, um logar de se deixar esombear pela solidão histórica, deviar-se dos Judens e trocar dos Rabbs. O único valor do livro está no *realismo* *histórico* da *luz* hora."

Tinha razão Eça de Queiroz, que sempre — pelo menos depois de haver *publicado* — exercia com feliz sagacidade a auto-crítica. Mas como fora levado a acreditar na larca de D. Raposo, a ampliação *prodigiosa* *A Morte de Jesus*, inserta em *esboço*, na *Revisão* de Setembro em Janeiro de 1897? Não é para aqui, quando só procuramos ordenar as condições gerais de factura e as circunstâncias especiais da aparição dos seus livros, discutir o assunto. Simente havemos de frisar o processo de *rejuvenescente* que empregou de novo, *emba* de modo diferente. *na Ilustração* *Cas Ramires*, ver-

dadeira miscelânea de romance hediondo e de romance histórico, de que resultaria, *Os Formosos*, conjunto — porventura mesmo a sua obra capital.

Eça escreveu de Bristol, a Luiz de Magalhães em 2 de Julho de 1887. Mas não dê! — dias antes, a 14 de Junho, escrevera a Ramalho Ortigão (que estivera há pouco em Inglaterra):

"Querdes os Fúrios que esta primeira carta seja já a pedir-lhe serviços — serviços de amigo da Capital, em derrizas por causa do amigo da provincia. Diz-me agora que se abria, ou vai abrir, esse famoso concurso da Academia, em que um conto de reis, substitui a nobre coroa de louros do tempo de Heródotio. Segundo os exemplos de meu amigo Heródotio e de tudo quanto havia de *chic* na velha Crítica Literária, eu pretendo entrar nesse concurso, com a *Religião*; — não por que haja sempre a sombra lúgida dum probabilidade mais magra do que a de que me seja dado o conto, entre o clamor das Turbas e as palmas de Teotimosias — mas porque desejo gozar a *glória* de *Artemis* diades de *Ravensot*!" "Você entra com a *Halanda*? Se a *Halanda* está dentro do concurso, também o está, ou lá, *outra* a *História de Fontes* de *Monte* e *Importa*? E não há para nenhum de nós esse conto de folhas de ouro."

Pelo tom da carta indetermínadamente a verdade das intenções de Eça (desde 1883 era sócio correspondente da Academia) ao concorrer ao prêmio instituído pelo rei D. Luiz.

Além da *Religião*, apresentaram-se *Os Amores*, de Sousa Monteiro, e *O Duque de Viseu*, de Lopes de Mendonça. Foi este último o premiado.

A 5 de Janeiro de 1888 já *A Religião* e *Os Malins* haviam lançado todo o seu *desdem* sobre o juri:

"Num juria literário de nove membros, encontram-se apenas três escritores! — Pina, o velho, e o velho e o velho, e o velho de Benalcázar. *A maioria* do juri é, pois, formada de indifferentes, de pessoas respeitabilíssimas, que podem ser autoridades em muitas coisas, mas não em coisas literárias. Exemplo: O sr. Silveira da Mota é um *criminalista*. O sr. Jayme Moniz é um *professor de filosofia*. O sr. José Dias Ferreira é um *jurisconsulto*. O sr. João de Arago é um *numismata*. O sr. José Silvestre Ribeiro é um *patrista da 1ª de Dezembro*. E o sr. João Bastos é um acadêmico que eu não posso lembrar de conhecer, nem mesmo de nome."

Também o sr. João Bastos não conheceria, nem mesmo de nome, não só o *Religião*, mas também o sr. Eça de Queiroz...

Mas — o que é curioso — é que o relator Pinheiro Chagas, para liquidar a discussão de *Os Formosos*, argumentou nos reparos que o director *A Ilustração* fizera: — como era absurdo que Raposo compreendesse, quando se tratava de um tratado de teologia, a sua morte de Jesus, na fulgurante visão que occupa 152 páginas dessa obra!



A 25 de Janeiro, Eça dirige uma carta a Mariano. Esta carta, destinada á publicidade *do O Reportor*, dirigido por Oliveira Martins, chega a Lisboa no próprio dia em que Pinheiro Chagas é vítima dum atentado, e fica às portas da morte: só em Maio, já restabelecido Pinheiro Chagas, saí à luz.

Em procura sustentar que puzera a sua candidatura ao prêmio para se divertir, e procura फिर a Academia e Pinheiro Chagas, ironisando.

Mas confessa, aliás com exágrado: "*A Religião* é certamente um livro mal feito. As suas porções fallam harmonia, elegância e solidez; certos períodos, apenas recitados e não modulados, oferecem uma noção unívoca e estagnada; a forma não tem sufficiente lindeza e delicadeza, antes por vezes engraça e impropriedade, e, por querer ser grave, parece bizarro, como succede os grandes homens de provincia, etc., etc."

Mas estes defectos, que só podem ser sentidos por um *gênero* muito atinado na percentagem de *críticas* de *Alte*, nunca poderiam provocar a condenação dum livro numa Academia que não está povoada de artistas. Não posso não ser irreverente para com os meus exalçados colegas. Como disse o príncipe de Gales ao velho e glorioso alfaite Pool, numa circunscrita conhecida e é clássica: — "Não se pode razoavelmente esperar que num país, todos os homens entesados sejam alfalates."

Ora o único alfalite da decisão do juri de Pinheiro Chagas, o relator: — era bom de ver que o resto do juri... desinteressara-se.

Mas agora é Eça ferido pela morte de seu irmão Alberto; e só, passado certo tempo, que Pinheiro Chagas entende vir á luz. E vem furiosos! Termina: "Lamentamo-lo deveras, mas, qualquer que seja o muito sincera amizade que nos liga á Eça de Queiroz, a admiração profunda e entusiástica que o seu talento nos inspira, não podemos deixar de lavar um protesto contra o insólito des-

vairamento da sua pena e do seu espírito».

E acentuara:

“Não sei se no largo artigo que acabo de escrever aparece alguma palavra que possa melindrar o meu estimado amigo Eça de Queiroz, cujo carácter respeito e cujo talento admiro. Se aparecer, tenha paciência, porque foi êle que as provocou cruel e injustamente. Correspondeu á sincera homenagem que prestei ao seu génio de escritor e às qualidades brilhantíssimas que resplandecem no livro, aliás defeituosíssimo, que enviou á Academia, com a adulteração mais completa do meu pensamento. Depois de ter feito de um personagem burlesco e imbecil o evocador absurdo do drama evangélico, transformou a estranheza que êsse disparate me inspirara no desejo que me atribue de querer uma opereta pândega em vez dum grande drama histórico».

E como não havia agora, felizmente, doença nem luto que impedisse um rápido terçar de armas, o autor d'*A Relíquia* retorquiu sem demora. E em que diapasão, supõe-se...

Principia:

“Nada me poderia, neste vale de lágrimas, pezar tanto como a melancólica e enfadonha obrigação de replicar ao artigo (*Eça de Queiroz e a Academia*) em que o meu velho amigo Pinheiro Chagas recobateu, aqui mesmo, o bom combate pelo Júri, o Relatório, o Concurso e o Prémio!

“Só na verdade, por Pinheiro Chagas, cujos golpes são, como os de Roldão, uma honra que pede logo grande tropel e grande batalha — eu afrontaria o atroz e intenso tédio de remexer novamente no Júri, no Relatório, no Concurso e no Prémio, pulverulentas e defuntas coisas, que pertencem às trevas do Passado, tão legitimamente como os muros de Tróia, o clube dos *Camilos* e os poemas do poeta sem par que se chamou Gilbert de Pixerecourt».

E depois de, por largo espaço, amarfanhá-la argumentação do seu contendor, termina:

“Mas faço-o, o céu me é testemunha, com infinito respeito e doçura — mostrando sempre que, quando Pinheiro Chagas me joga golpes que parecem traiçoeiros, quando atribue as minhas convicções de literatura a despeitos de pecúnia, quando me inventa pelas costas que eu quiz “amesquinhar o candidato laureado», quando declara que eu votei *por mim* nessa carta em que eu dei o meu voto *contra mim* — procede por impulso da sua leviandade, e não por cálculo da malícia. E, se eu procuro atirar pelos ares a estouvada pena de Pinheiro Chagas — é só, só, para mais livremente poder apertar a sua mão honrada e amiga».

Mas todo o interesse dêste recontro se esvanecia, porque já nas montras das livrarias apareciam os dois volumes d'*Os Maias*, dignos de suscitar uma verdadeira batalha.

O fiel Pina logo procurava delimitar campo:

“Neste momento da nossa vida literária, *Os Maias*, como romance de renovação

e revolução, satisfaz ou não satisfaz plenamente aos nossos princípios, aos nossos pontos de vista, ao nosso modernismo?... O autor mostra ou não mostra progresso? E' um artista caminhando para a perfeição — ou é um artista que parou? A sociedade, os indivíduos que êle põe em acção, são ou não são humanos, vivem ou não vivem nos respectivos meios?

“Eis — quanto a mim — a que se deve limitar a Crítica, e pôr de parte essas ambições de grande classificadora de obras e de artistas do seu tempo; porque assim como hoje se começa a fazer uma ideia exacta dos escritores do século XVIII — só no século XX se fará a verdadeira justiça a tôda a obra produzida em nossos dias».

E nota:

“Ora, ao que parece, *Os Maias* têm defeitos. Assim se tem dito em letra redonda. E o principal, o grosso, gordo e grande defeito — é ser um romance em dois volumes, com uma acção que se podia reduzir a 300 páginas em vez de 990, que tantas têm os dois tomos, e onde só vêem quadros e mais quadros, onde raramente aparece o drama».

...“Outro defeito d'*Os Maias* — é o autor não vêr senão os mesmos tipos que já viu no *Primo Bazílio*, a sua galeria não ser variada, e o seu campo de observação limitadíssimo.

“Que ha de mais limitado em pintura do que o campo de observação de Corrot? Peguem na maioria das telas deste grande pintor de génio, e vejam a que se reduz o campo de observação — sempre uns salgueiros, um pedaço de Sena e uma mancha humana. E neguem-me que o que êle deixou não sejam verdadeiras obras primas.

“E o campo de observação de Millet, do grande Millet? Não eram sempre os mesmos horisontes, o mesmo campo, e os camponeses que serviram de modelo para o *Angelus*, não são por acaso os mesmos que figuram em quasi todas as suas telas?... E deixou, por êsse facto, de ser um génio?

“Mas Murilo? Mas Rubens? Mas Teniers? Os mesmos modelos servem para todos os quadros: as mesmas figuras que se vêem no museu de Madrid, vamos encontrá-las no *Louvre* em Paris, na *National Gallery* em Londres, nos museus de Bruxelas e de Amsterdam».

É necessário reconhecer que a êste moço de 28 anos não faltava sagacidade.

Para avaliar da celeuma causada pelos *Maias*, bastará dizer que no *Reporter*, dentro duma quinzena, se publicaram três artigos de vulto, subscritos por Carlos Lobo d'Ávila, Fialho d'Almeida e Moniz Barreto.

Carlos Lobo d'Ávila rompia assim o seu fogo:

“Só com a história trágica do desgraçado Pedro da Maia podia fazer-se um romance.

“Porque a singularidade dêste livro de Eça de Queiroz é que êle dava para uns poucos de livros, e áparte uma certa identidade n'alguns personagens, poderia trunçar-se a obra, sem que aparentemente a obra ficasse incompleta. Como dalguns romances de Daudet — por exemplo da-

quele encantador *Fromont jeune et Rislet ainé* — podem destacar-se d'*Os Maias* uns poucos de contos, de pequenas novelas, que, acumulados, dão o romance inteiro.

Este facto provém talvez da maneira porque esta obra foi feita. Ha muitos anos, desde os tempos esquecidos em que o *Diário de Portugal* annunciou a publicação dêste romance, que Eça de Queiroz trabalha nêle».

Logo, em segunda rajada:

“Creio que a exagerada meticulosidade de Eça de Queiroz, o cuidado, quasi diariam a fúria insaciável, com que êle revê, modifica, emenda e recompõe os seus escritos, se revela uma nobre e superior alma de artista, é em certa maneira nociva para o resultado dos seus trabalhos. Aquela frescura incomparável que o estilo de Eça Queiroz tinha, por exemplo, nalguns artigos das *Farpas*, e na primeira edição do *Padre Amaro*, publicada na *Revista Ocidental*, empalidece um pouco nalgumas páginas dos *Maias* como as pétalas duma flôr, que tivesse secado entre as fôlhas dum livro. A seiva, o perfume, as tintas rosadas e viçosas evaporaram-se, perderam-se, sob a tortura do artista, que limou, poliu, cinzelou e torceu mil vezes as suas frases, sempre ansioso por uma fórmula mais perfeita, sempre descontente com a fórmula que encontrava».

Depois, ladeando:

“Decerto a fantasia de Eça de Queiroz encontra ainda muitas vezes no seu estilo original, vívido e cintilante, os mais seguros efeitos. A descrição de Sintra e das corridas de Belém, o quadro da Quinta de Santa Olávia, a grande cena de amor entre Carlos da Maia e Maria, e muitos outros relances, como, por exemplo, um rápido quadro de Lisboa numa tarde de verão, são trechos admiráveis, em que a frase tem todo o brilho, todo o colorido, toda a graça imprevista e pessoal, dos melhores períodos de Eça de Queiroz. Mas no geral do livro, salvo o esfusiar, aqui e ali, daquelas girândolas de *humorismo*, que constituem uma das revelações mais prodigiosas do grande talento de Eça de Queiroz, a linguagem é um pouco artificiosa, um quasi nada contrafeita, ou antes *tourmentée*, como dizem os franceses, sentindo-se demasiado o esfôrço, nem sempre feliz, do escritor».

Finalmente o rebentar estrondante da última granada:

“Não falaremos na construção afrancesada da frase, e no abuso do galicismo, levado às vezes a limites que chegam a arripiar»...

Seguiram-se Fialho e Moniz Barreto, que, mais comedido crítico, não deixou de inspirar-se em certa severidade.

Eça era alvo, entre amigos, de alguma coisa que se parecia muito — com uma demolição!

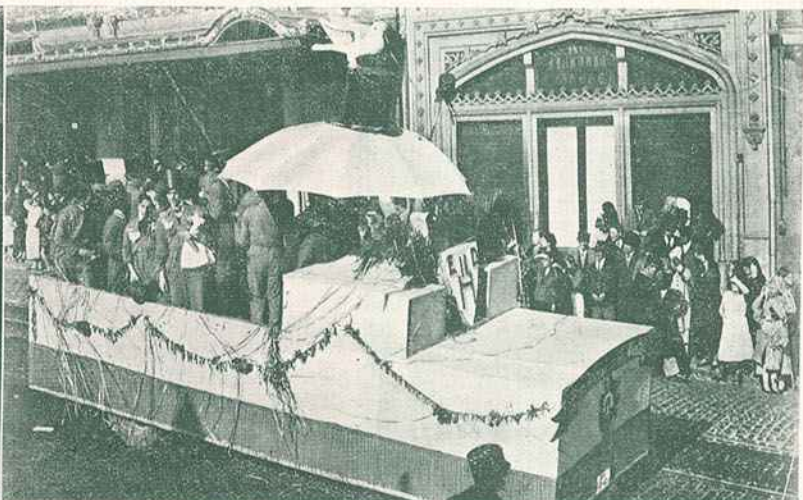
Mas já Eça começa a publicar no *Reporter* — *A Correspondência de Fradique Mendes*, e não tarda que se lance, com um belo entusiasmo, nessa “coisa considerável» — como dizia a Oliveira Martins — que se chamará *Revista de Portugal*...

LOPES D'OLIVEIRA.

ECOS DO CARNAVAL



Um aspecto do cortejo carnavalesco em Tôres Vedras em que tomaram parte milhares de pessoas, decorrendo os folguedos com grande animação. Tôres Vedras não quer perder a sua tradição, dando, de ano para ano, novos encantos e atractivos aos seus festejos



Em cima, à esquerda: No Pôrto, o cortejo carnavalesco desfilando por entre a multidão.— Ao centro, à esquerda: Outro aspecto do desfile.— À direita: O carro dos pacifistas apenas decorado com um grande chapéu alto e um guarda-chuva.— Em baixo: Algumas crianças lisboetas mascaradas





A patinadora inglesa Megan Taylor que ganhou este ano novamente o campeonato mundial feminino de patinagem artística

Não era nossa intenção incluir nestes comentários qualquer referência ao jogo da equipa nacional de futebol com a da Suíça, sobre o qual vinte dias passaram quando esta "Ilustração" vier a público. Acontece porém, que o resultado inesperado do encontro e o comportamento anômalo dos jogadores causaram na crítica tão fundas reacções e no meio desportivo tanta variedade de reprovação, que mudámos de propósito, pois a importância assumida pelo assunto excedeu os limites usuais dos simples acontecimentos de actualidade.

Os portugueses, talvez em reflexo do seu temperamento meridional, têm natural propensão para exaquerar a gravidade dos factos e consideram facilmente uma catástrofe nacional o primeiro revez que, no campo desportivo, constitui afinal um precalço apenas desagradável ao qual, pelo mundo adiante, nenhum país tem escapado à sua vez.

Os 4-2 com que os suíços brindaram a desamparada equipa lusitana provocaram coro de imprecações, de recreminações, que em nossa memória recordaram o eco da indignação patrioteira de certos literatos quando voltámos de Madrid, há cinco anos, com nove bolas no passivo.

Afinal o caso, não vale tamanha aflicção nem o brío do nosso futebol ou, reflexivamente, do conceito português além fronteiras, sofreu nódoa porque o grupo representativo perdeu na sua terra um jogo que contava ganhar.

É necessário, como aconselia em magistral artigo de "Os Sports", a autoridade técnica de Ricardo Ornelas, serenidade e confiança; o mal tem remédio e já vinha de trás, mas ninguém o quiz ver enquanto não apareceram os sintomas objectivos. Não houve coragem para evitar, mas existe agora fundamentada autoridade para remediar.

O futebol português peca na sua representação pelo tradicionalismo e, em

assuntos de escolha dos seus representantes, preguntamos também, como o fez "O Século", se o seleccionador nacional dispõe em absoluto de liberdade de escolha, ou se pesam nas suas decisões a conveniência moral de satisfazer certas, chamêmos-lhe, "representações proporcionais".

Só assim se justifica que fossem incluídos no grupo jogadores em manifesto declínio físico, o qual no campo se evidenciou desde os primeiros minutos aos olhos de todos os espectadores, menos do único que tinha autoridade para valer ao desastre. Que a fadiga de Albino, por exemplo, não foi surpresa ocasional verificamo-lo pela opinião que nos foi dada por um dirigente federativo acerca da impressão assustadora recebida quanto ao estado do referido jogador, durante o treino a que assistira, três dias antes.

Por outro lado, as apreciações posteriores de certos críticos não conseguiram isentar-se de certas preferências sentimentais que maior confusão criaram no momento em que era indispensável, além da serenidade, o desassombro e a verdade; temos nestas condições de suspeita apreciação, o critério de determinado diário vespertino que proclamou Albino o melhor dos portugueses e a unanimidade da imprensa portuense afirmando em letra alta que Sousa e Carlos Pereira se haviam distinguido entre os companheiros. Imparcial e lealmente, nem uma nem outra coisa poderiam ser afirmadas.

A desastrosa e generalizada exibição dos lusitanos tem ainda uma explicação de ordem psicológica que, sem servir de atenuante ou desculpa; merece contudo ser levada em conta no juízo a formular.

Uma equipa de futebol é, estruturalmente, um organismo complexo cujo rendimento depende do trabalho celular dos seus elementos; a falha de alguns deles reflecte-se na acção dos restantes. Comparando, e com argumentos de médico, diremos ser tal e qual uma pessoa



A classe feminina de ginástica educativa do Sporting Club de Portugal, cujo apresentação no varão organizada pela Associação de Basket-Ball de Lisboa marcou como facto notável de acuidade da educação física lisboeta

A QUINZENA DESPORTIVA

a quem dói a cabeça e incham os pés porque o fígado funciona irregularmente.

No jogo contra os suíços sucedeu assim; alguns dos seleccionados falharam desde as primeiras evoluções, desorganizaram o conjunto e os companheiros, cujo estado de espírito antecipado era da mais absoluta confiança, desorientados pela falência das suas esperanças sosobraram na mesma vaga de desorientação.

O que passou nas Salesias foi, em nossa opinião, um acidente esporádico, possível por motivo de certos erros ou condescendências que apontamos, mas ao qual negaremos valor determinante de fracasso para o futebol português enquanto futuras saídas não o confirmarem ou infirmarem.

Talvez venha a propósito recordar aos derrotistas que, em 1934, o onze nacional, uma semana depois de haver sido esmagado por nove bolas a zero, ia arancando o empate ao mesmo adversário que o batera. O jogo da bola é isto; e não façamos tragédia com o que não passa de dura lição a aproveitar.

Um jovem aviador inglês, Alex Henshaw, acaba de levar a bom termo, em minúsculo avião de desporto, um voo de velocidade no percurso Londres-Cabo-Londres que representa prodigiosa proeza desportiva para o seu autor, por quanto representa de vontade e resistência física: partiu da capital britânica num domingo pela manhã, demorou-se na cidade do Cabo 27 horas e 18 minutos, e estava de regresso em Londres na quinta-feira ao meio-dia!

Henshaw, que percorreu os 11.250 km, que separam as duas cidades em 1

dia 15 horas e 30 minutos à ida, três minutos a mais na volta, deu prova de energia de aço e em ambos os vãos aterrou na meta completamente esgotado; as condições atmosféricas não lhe foram favoráveis e ao concluir a viagem, o aviador trazia a cabeça, cara e mãos maculadas de sangue proveniente de choques contra as paredes da sua reduzida cabina, em virtude da agitação do aparelho provocada pelo vento tempestuoso.

Um voo desta ordem, apesar de não poder considerar-se senão como um feito puramente desportivo para cujo êxito as virtudes do homem contribuem mais largamente do que as qualidades da máquina, permite no entanto apreciar os enormes progressos obtidos na conquista do espaço: graças ao desenvolvimento da aviação a terra parece cada vez mais pequena, o significado material da distância tende dia a dia a perder importância na vida da humanidade.

Em 1920, a equipagem Ryneveld-Braud, inaugurando o itinerário que a aviação britânica adoptou como clássico, gastou 44 dias para percorrer a distância que separa Lourdes da mais meridional das cidades africanas; sete anos mais tarde, Bentley reduzia a demora para 28 dias e no ano seguinte Mardoch cortava-lhe metade: 13 dias e meio. A luta pelo "record", prosseguiu e, em 1931, Kidston ganhava mais cinquenta por cento do tempo, fazendo a viagem em 6 dias e 9 horas.

De então para cá os progressos acentuam-se ano a ano; em 1936 a famosa Amy Johnson fixava o mínimo em 3 dias 6 horas e 28 minutos, metade do tempo de Kidston, e agora Henshaw com um dia 15 horas e 30 minutos procede de igual modo em relação à proeza de sua gloriosa antecessora.

Note-se que os "records, de ida e volta, pelo que exigem de maior resistência física, têm sido muito menos atacados; em 1930, Amy Johnson regressou ao ponto de partida em 11 dias 4 horas e 31 minutos, tempo melhorado em 1937 por Brook para 10 dias 9 horas e 32 minutos, e no mesmo ano pela equipa-



Nas reuniões americanas onde o sol brilha durante esta temporada para nós invernos, os amadores do ar livre dão largas à sua satisfação e entregam-se a jogos e exercícios, como este, que a fotografia deve mostrar mais arriscados de que na realidade são

gem Clouston — miss Kirby Green para 5 dias 17 horas e 28 minutos.

Só, no seu aparelho, Henshaw baixou este tempo para 4 dias 10 horas e 16 minutos.

O tennis de mesa foi a segunda modalidade do jogo desportivo a designar o seu campeão para o ano de 1939.

Após porfiada luta, que até final se manteve indecisa com o Sporting Clube de Portugal e o Ateneu Comercial de Lisboa, foi uma colectividade modesta, o Matadouro Futebol Clube, quem alcançou o cubição lútilo.

O "ping-pong", designação pitoresca que oficialmente foi preterida sem motivos ponderáveis pela de tennis de mesa, tomou em Lisboa enorme expansão, conquistando numerosos praticantes e também grande público entusiasta; o jogo tem a vantagem de ser pouco dispendioso, praticável em qualquer sala de medianas dimensões e, sobretudo, adaptar-se aos recursos de toda a gente, mesmo dos veteranos ou daqueles

que nunca seguiram preparação desportiva.

A actividade oficial do tennis de mesa, secundada por frequentes torneios particulares em tôdas as categorias, prossegue agora com os campeonatos individuais e competições femininas enquanto se não disputam os primeiros encontros inter-regionais, anunciados para breve.

Ao progresso técnico da modalidade afigura-se-nos já insuficientes estas iniciativas, tanto mais que os jogadores lisboetas não encontrarão nos outros centros de prática adversários que os apouquem. Porque se não empreende a vinda a Portugal duma equipa estrangeira, francesa por exemplo, cujos encontros com os nossos seleccionados teriam assegurada uma assistência disposta a compensar as despesas que a organização acarretasse?

Já em tempos nos visitou um conjunto espanhol, e o êxito de então devia animar as entidades dirigentes a repetir a tentativa; julgamos que não teriam de que arrepender-se.

SALAZAR CARREIRA.



Fechada neste minúsculo avião de desporto, o inglês Henshaw foi de Londres ao Cabo e voltou ao ponto de partida em menos de três dias e meio

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguíer (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, grande e pequena edição. Simões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick (língua e antiga linguagem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.^a ed.; Fonseca & Roquette (Sinónimos e língua); F. Torrinha; A. Coimbra; Moreno; Ligorne; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Rebelo Hespanha; Lusíadas; Dicionário de nomes próprios de S. Pacheco.

RESULTADOS DO N.º 24

(Totalidade — 16 pontos)

QUADRO DE MÉRITO

Rosa Negra e Siulno — 15. Cavaleiro Branco, Erbelo, M. A. P. M., D. Pericles, Mr. Moto, Felix Lobato, Aço, Biscaro, Papa-Almudes, Meio-Kilo, Copofónico, Eusapesca, Alvarinho, Ti-Beadó e Sevla — 13. D. Ceias, Homem-Sombra, Tito Livo, Mr. Dell, Oidimeonip, Mi-cá, Detective, Coca-Bichinhos, Garido-Vieira, Tio San, Mr. Chan, Leuzinho, Arlequim, Arthemis, Limanel, Modesta, Lena, Milu, Ramou Lácrimas, Sol de Inverno e F. J. Courelas — 7. Mirna, Doris, Agásio, Larabastro e Cigano, — 5. Anjo das Serras e Tarata — 4. Aristofanes e Neptuno — 3

DECIFRAÇÕES

1 — Apilarado. 2 — Labrusco. 3 — Proa. 4 — En(con)trar. 5 — Parpotecar. 6 — Doar. 7 — Pe-polim. 8 — Cornutos. 9 — Desdita. 10 — Azoque. 11 — Vi(u)va. 12 — Vi(ven)da. 13 — Cor(ve)ta. 14 — Pu(pi)lla. 15 — Cor(ni)ja. 16 — A verdade é a mãe da felicidade.

PALAVRAS CRUZADAS

N.º 3



HORIZONTAIS

1 — Graça; namorar; suspensão. 2 — Olhei; sucede; preposição e artigo; erguer. 3 — Reze; altar. 4 — Um; para. 5 — Oferece; mil. 6 — Progredir; uso quotidiano. 7 — Vogal nasal; luz. 8 — Insignificância; desabas. 9 — Está; a morte. 10 — Letra consoante; eia. 11 — Esfomeado; letra consoante. 12 — Mil; cair. 13 — Cifra; após; «mulher».

VERTICAIS

1 — Dono; ocasião; multidão. 2 — Sul. 3 — Poesia; aspecto. 4 — Graceja. 5 — Consoante labial. 6 — Igreja; nota musical. 7 — Acontece; estás. 8 — Letra consoante; artigo no plural. 9 — Cinco; sol no plural. 10 — Caminhava; beira. 11 — Letra grega; letra consoante; oferecer. 12 — Letra consoante; está. 13 — Lobriguei; embuçado. 14 — Cenotáfio; adaptar-se. 15 — Falatório. 16 — Declama; cantar.

Lisboa

Ramon Lácrimas

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 33

CORRIGENDA

No problema de palavras cruzadas n.º 2 em vez de: «24 — Expungir», deve ler-se: «24 — Expungiu».

PRÉMIO

Do nosso prezado colaborador Ramon Lácrimas recebemos um exemplar do *Dicionário de Adágios* de António Delicado para ser conferido ao autor do melhor enigma, no trimestre corrente. Os nossos agradecimentos.

TRABALHOS EM VERSO

CHARADAS ADITIVAS (Antigas)

(Agradecimento e resposta ao ilustre confrade «Dr. Sicascar» (Desporto n.º 31)

1) Vou dar-vos, envergonhado,
Uma resposta infeliz,
Que um «mestre», quando é «tapado»,
Val menos que um aprendiz.

Da erudição à compita
Diz Figueiredo — e o Bandeira —
Que «porventura» e «perdita»
São a mesma frioleira.

Quanto à expressão: «por ventura»
Se ligação não tiver,
(Lá vai asneira à mistura...)
É outra coisa: difere; — 1

Tem vários significados
Que não devo transcrever,
Dos mestres supracitados,
Para o não aborrecer — 2

Se nos falam em ventura
É acerto responder;
Que é um bem que se procura
É que é raro conhecer.

Lisboa

Sileno

2) Ciclópica, a rugir na raiva audaz das feras,
assola a Tempestade o vale enorme. Agora
aplaca a fúria tórva; e logo, sem demora,
derruba pelo pé colossos doutras eras!

O brado do trovão, fragor de mil crateras,
rj bomba pelo vale em caos, de fora a fora...
O Deus omnipotente: a Natureza chora,
e morre em maldição a Terra aonde imperas!

Possessa mole humana — anões entre a grandeza
dantesca da Tormenta — em frenesi intenso,
ulula em vão, de horror, sem tino e sem go-
vêrno...

E nada — nem Razão nem Deus — vem em de-
[feza — 1
do vale em convulsão!...

Que panorama denso: — 2
O Mundo, a Humanidade, a Vida, a Hora — O In-
[ferno!

Lisboa

Bixoknhoto

3) Logo que cheguei aqui — 1
ouvi enorme barreiro
por falta de bagalhoca, — 2
por haver pouco dinheiro.

Luanda

Ti-Beadó

CHARADA SINCOPADA

4) As mulher's impacientes
Andam sempre descontentes
Se lhe tardam namorados,
Mas se toparam um a geito
Que seja esbelto, perfeito,
Não lhe faltarão cuidados. 3-2

Lisboa

Magnate (L. A. C.)

TRABALHOS EM PROSA

CHARADAS ADITIVAS (Novíssimas)

(Ao confrade «Adeusinho», com simpatia)

5) Haverá sempre dor, onde houver um lar amargurado. 4-1.

Lisboa

Alguém (Lac. — T. E. — G. X.)

6) Logo que praticaste essa acção perdeste o direito de andar de cara levantada. 1-2.

Lisboa

Erbelo (T. E. — G. X.)

(Aos briosos componentes do G. X.)

7) Bonito campo é somente aquele que está arrelvado. 2-1.

Albarraque

Morenita

8) Santo Deus! Se sonho com a bruxa, agarro-me imediatamente ao cabegal. 2-2.

Vila Serpa Pinto

Dr. Sicascar (T. E. — L. A. C.)

9) Amor revela a alma se o sente claramente. 4-2

Poço do Bispo

Mirones (L. A. C.)

(Ao Grupo «Os X»)

10) O furor fanático dosromeiros de Meca, fá-lo andar à roda da mesquita. 2-1.

Lisboa

Cavaleiro Branco

SINCOPADAS

11) Todo o casamenteiro deve ser homem honrado. 3-2.

Luanda

Ti-Beadó

(Ao D. Pericles, com os meus cumprimentos)

12) Coisa feia? por exemplo: provocar bábúrdia. 3-2.

Lisboa

Mr. Moto (G. X.)

13) Pela sua boa postura é muito estimado o «Serenó». 3-2.

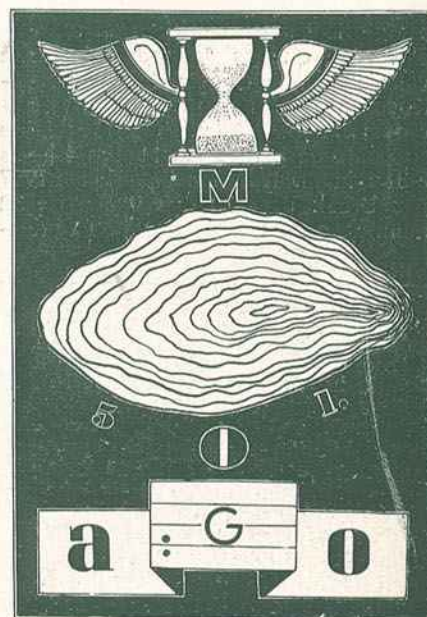
Lisboa

Felix Lobato (G. X.)

Toda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: Isidro António Gayo, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

14) GEROGLIFOSIMPLES

(Enigma figurado)



Lisboa

Aristofanes

O PAPA DA BONDADE

Há figuras que passam na história apagamamente e o seu desaparecimento não comove, nem abala, senão aqueles que os estimavam, com amor de família, ou amizade.

Não foi assim a figura de Sua Santidade Pio XI, o Papa que acaba de deixar este mundo, deixando uma memória saudosíssima para todos os católicos, e, de profundo respeito para os que o não são, e, até para os descrentes e indiferentes em matéria religiosa, que são sempre mais difíceis de impressionar.

Pio XI diplomata habilíssimo, inteligência superior duma piedade incomensurável; foi amado e é chorado pelos católicos praticantes, que não poderão esquecer Aquele que foi o Vigário de Cristo na terra e bem o seu representante, tendo a bondade a aureolar a sua figura veneranda, como aureola de santo em quadro de autor célebre.

A paz entre os povos era a constante preocupação do venerando ancião, que pai da Cristandade a amava e a desejava perfeita e feliz, como os pais desejam sempre ver os seus filhos, esses entes que estremecem.

Mas Deus não lhe fez a vontade e o seu coração estremeceu vendo a guerra torturar a humanidade, e foi rudemente ferido ao ver, sangrando a Espanha filha querida da Igreja, e martirizados sacerdotes e religiosas.

O seu coração que se mantivera num corpo robusto, que o alpinismo seu desporto favorito quando simples sacerdote e mesmo quando era Arcebispo de Milão, tinha desenvolvido e fortificado, dando-lhe êsse golpe de vista que necessita o alpinista, e, que era tão necessário ao Chefe de tão imensa família como é a da Cristandade.

A primeira vez que eu vi Sua Santidade impressionou-me a sua magestade e a sua fisionomia de inteligência arguta. Foi em 1922 durante uma prolongada estada em Roma, com o meu tio Arenas de Lima então conselheiro de legação, na nossa legação junto do Vaticano.

Foi essa primeira visão que conservo nitidamente estampada no meu cérebro, uma solenidade na Capela Sixtina para benção duma imagem de nossa Senhora do Loreto; para que fóra convidado o corpo diplomático.

O ambiente era impressionante para quem a arte entusiasma, essa linda capela onde fulgura e esmaga o génio de Miguel Angelo, capela tão diferente daquelas a que estava habituada, onde

a magestade Divina se expande sobre uma humanidade palpitante.

A história bíblica no teto apresentando-nos a primeira falta de Adão e Eva e no retábulo êsse julgamento final que o pincel do mestre dos mestres assinala, e nos faz estremecer.

No friso em volta Boticelli, o doce Boticelli, em quadros maravilhosos adoça a violência das geniais pinturas de Miguel Angelo. Quando começava a habituar-me a essa beleza impressionante, entra o cortejo papal. Sua Santidade transportado na «Sédia gestatária», com a sua capa de «asperges» e a tiara reluzente de pedrarias na cabeça era conduzido pelos criados de traje de damasco vermelho e calção e meia de seda. Guardas nobres no seu deslumbrante uniforme de granadeiros rodeavam o préstito e formaram dum lado e doutro do altar.

Cardeais seguiam nas suas roçagantes sedas vermelhas, seguidos de caudatários e secretários, camareiros secretos, de capa e espada fechavam o deslumbrante cortejo, mas os meus olhos não se afastavam da face de Sua Santidade, figura hierática, imóvel apenas movendo a mão direita na benção que lançava aos assistentes, era a máscara enigmática duma figura acima dos homens, e, era a face de Aquele que nós Cristãos e Católicos, consideramos o representante de Deus na terra, Aquele a quem devemos o mais profundo respeito.

E terminada a cerimónia eu retinha na memória uma face e uma expressão que depois se modificou.

Antes da minha partida dessa Roma que seduz e encanta os que nela fazem uma estada prolongada, entre as saídas da partida, eu relembro a audiência particular solicitada por meu tio e bondosamente concedida.

Vejo a seqüência dos salões particulares, cheios de personalidades de serviço e de fiéis que esperam audiência, as salas atravessadas, com as suas obras de arte a sala do trono atravessada apenas e a espera na antecâmara da biblioteca, privada de Sua Santidade.

Monsenhor Pizzardo, hoje Cardeal veio buscar-nos para nos introduzir. Depois das três genuflexões e de ser beijado o anel de Sua Santidade olhei o seu rosto, e, que expressão diferente lhe encontrei, o mais paternal sorriso o iluminava, era o rosto do pai que recebe os seus filhos vindos de todos os cantos do mundo.

A gentileza com que fomos convidados a sentar-nos e a longa conversa que se seguiu ficaram-me no coração.

Com que inquieta ternura Sua Santidade inquiria de como iam as coisas em Portugal e que alegre sorriso ao dizer-lhe que começava a haver uma grande diferença na atitude da população e as igrejas a serem muito frequentadas.

Que ternura ao referir-se a sua família, companheiros no hotel onde residíamos e como a sua voz mostrava afecto ao falar dum sobrinho muito querido, que fizera a guerra e como descrevia as trincheiras que visitára. E á despedida como me senti protegida pelas três benções que carinhosamente me lançou, uma para mim, outra para a minha família e outra para os que me fossem queridos.

Como me enterneceu a oferta duma linda medalha que preciosamente conservo e que me acompanhará, espero, á sepultura.

E a imagem dêsse ancião vestido de branco, forte e saudável sentado á sua secretária de peltica branca e dourada, trabalho italiano dessa Itália para quem o seu coração batia dum tão dedicado amor; antepôz-se e vive mais forte na minha memória que a fisionomia fechada e hierática do Papa oficiando na capela Sixtina.



A simplicidade e o interesse das suas palavras ficaram-me gravadas no coração e eu senti que era o Papa de bondade, que iniciara o seu reinado na terra; que há um ano governava como chefe da Igreja.

E não me enganei, todos os seus actos o provaram, a sua política de bondade e diplomacia fizeram com que se assinasse a Concordata com o governo da Itália e a atitude de Sua Santidade fez com que a Igreja em vez de perder o seu prestígio muito o aumentasse.

E sempre o seu coração bateu pela humanidade e nunca a sua bondade representou fraqueza, pois levantou sempre a sua voz quando ela devia ser ouvida. No entanto a sua acção foi das mais sublimes, perseguições nem aquelas feitas aos inimigos da Igreja o satisfizeram; nem assim podia ser, tratando-se do representante de Cristo na terra, que perdoou aos seus perseguidores do alto da Cruz onde era torturado. Os leigos foram chamados para o seu lado na Acção Católica, a Juventude, querida e acarinhada por Sua Santidade teve o mais paternal acolhimento e gozou da sua predileção.

Foi o Papa de acção mas duma acção donde irradiava a bondade essa bondade que eleva o homem e que o torna um justo, a bondade inteligente a bondade consciente que ilumina as trevas e atrai os espíritos.

Pai da Cristandade éle chamou os seus filhos e sentia-se feliz quando os via acorrer e aceitar a sua direcção tão recta e justa, que impunha a mais completa submissão.

A sua robustez foi combatida não pelos anos, embora contasse bastantes, mas pelo seu caridoso amor ao próximo pelo seu paternal afecto aos cristãos. Afecto que o fez sofrer ao ver a Espanha devastada e que lhe arrancou as mais sublimes palavras ao ver êste outono ameaçada a paz da Europa.

O seu paternal cuidado foi tal, que ofereceu a Deus, numa alocução, que tóda a Cristandade ouviu, a sua vida pela paz no mundo.

E Deus ouviu as suas preces, chamou-o a si, e Deus permita que seja aceite o seu voto e que a paz reine no mundo, como o desejou aquele que pela felicidade humana oferecia a sua vida, o bater descompassado dum coração que os males da humanidade tinham profundamente atingido numa compaixão piedosa.

MARIA DE EÇA.





ses mais abastadas, usar um laxo que ela deseja embora dele desdenhe, e, finja causar-lhe indignação.

Mas a mulher não compreende e não vê que quando sopra com força o vento dos seus rancores sobre o fogo ateuado das paixões dos homens é ela sempre a queimada pelas suas labaredas.

A mulher, a família, os criancas são as vítimas das revoluções e das guerras civis. É doloroso o quadro das mulheres e crianças refugadas em França quando da tomada da Catalunha. Os pés enterrados na neve, por caminhos que só quem já atravessou aquela região pode avaliar o esforço sobrehumano, que exigem para ser trilhados, tremendo de frio, martirizados pela fome, tirandolas pelo terror, essas fugitivas inspiram-nos a maior compaixão e no entanto quantas delas não teriam instigado os homens a torturar imdos do mesmo sangue, que elas consideravam inimigos, e não se teriam divertido a ver as contorsões dos moribundos, que o ódio ceifou?

Mas apesar de tudo são dignas do mais profundo dó, assim como os inocentes, que arrastam atrás de si, são elas as mães vítimas da guerra civil em Espanha.

Claro está que há no país vizinho mulheres que não são megras e que submeram e sabem sofrer com resignação e bondade, os martírios infligidos por uma guerra civil a um país, mulheres que sofrem com os excessos do ódio dos homens, mulheres que choram e pedem a Deus misericórdia, que salem uns e outros e que não querem ver sofrer a humanidade, tenha ela a cor que tiver, essas são as verdadeiras mulheres da Espanha, aquelas que saberão curar e tratar as graves feridas duma pátria despedaçada, aquelas que saberão reconstruir a sociedade espanhola, e, educar os seus filhos no amor da paz, porque sabem quanto se sofre na guerra.

Há uma propaganda que nunca se fez e que é indispensável fazer-se é a propaganda da doçura junto da mulher de todos os países.

É necessário educar a mulher do povo como é preciso educar a mulher de todas as classes, para lhes fazer ver bem claro a umas e a outras, que a sua missão neste mundo não é aleva ódios, mas sim extinguir-las não é soprar paixões, mas sim apagar-las tornando-as impossíveis de se alear em altas labaredas, que tudo decoram e sobretudo comencem-las, que as principais vítimas são elas e os filhos, porque quem destrói os móveis dispersos, os filhos sem abrigo? A mulher; porque é ela que tem mais amor ao lar, porque apesar de todas as teorias destruidoras, a mulher tem uncestral apego ao seu lar e aos seus filhos.

É preciso educar a mulher e fazer-lhe compreender o que é bem o que é mal e o que se não conseguir pela elevação de sentimentos, por espiritualização cristã, tão necessária ao espírito feminino, que se faça demonstrando-lhe onde está o seu interesse e qual ele é, fazendo-lhe ver como ela sofre com o desencanamento das loucuras masculinas, e, como deve ser ela acima de tudo a propagandista da paz, começando com decair os ódios e fazendo o possível para os extinguir no coração dos homens. A mulher tem de ser pacífica ainda que não seja sendo por egoísmo e para evitar a ela e aos filhos o martírio das destruições.

MARIA DE EÇA.

A MODA

CONTINUA o triunfo do preto, na moda dos vestidos de noite e nos de «toilette» para a meia estação. Há tentativas dos costureiros para arrancar a mulher ao negro no vestuário, decretando-se a moda da cor «bordeaux», dos vermelhos, da cor de ferrugem e no fim a mulher volta sempre aos vestidos pretos, e, porque será essa tendência? Por falta de gosto pela alegria da vida? Não, não é esse o motivo, mas sim a convicção, a que a mulher moderna chegou, de que o preto seja em vestidos de noite, em «tailleurs» ou em casacos de abito e sem dúvida o que melhor lhe fica, e, a torna mais elegante tendo também a vantagem de não se tornar tão conhecida uma «toilette», preta, como se torna uma de cor, e essa convicção com a certeza de que o preto é

PÁGINAS FEMININAS

a cor que torna a mulher mais esbelta e graciosa, tem levado as senhoras a preferir a todas, essa cor que dantes se reservava para as horas amargas da dor e do luto.

Mas se o preto é da maior distinção e torna mais leve a silhueta feminina, a verdade é que o ambiente das cidades, que é onde mais se nota essa predileção, tem-se tornado muito mais sombrio, dando muitas vezes a impressão que todas estão de luto.

Apresentamos uma série de modelos em preto dum gosto muito distinto e de alta elegância, modelos que não poderão deixar de tentar as senhoras que gostam de vestir bem.

Vestido em «Ojerama» preto dum modernismo um tanto exótico mas de indiscutível elegância. O corpo é formado pelas mangas muito amplas e género kimono, que vêmregar franjidos num «empriement» que forma o decote rente ao pescoço e que se alarga um pouco para os ombros, estas mangas dum talhe tão original não compridas e justas do cotovelo para baixo.

O pregar do corpo na saia é também da maior elegância e na frente forma uma como fileira de franjidos que caem graciosamente. É um vestido para jantar e para receber em casa da mais alta elegância e distinção. Não tem nenhuma guarnição.

Também para jantar e recepção temos um outro modelo da mais alta elegância em veludo preto. Dum corte muito simples é posto ao corpo e para bem marcar essa tendência fecha junto ao pescoço num franjido que uma gola direita aperta.

As mangas compridas são dadas corte a que antigamente se chamava sultana e que alarga em baixo e aperta num punho, largos galbes bordados a seda e oiro guarnecem estas mangas, que são a parte que mais se salienta neste vestido de tão grande e reconhecido «chic».

Como guarnição um colar de pérolas.

Para chá um elegantíssimo vestido em setim preto. O corpo decotado em bico entra num



«corsete» franzido graciosamente, o pano da frente é também franzido, como cinto uma tira do mesmo setim que ata num nó e cai em longas pontas à frente. Mangas simples e compridas única guarnição um broche de brilhantes. Chapéu em «georgette» dois tons de azul; género turbante.

Vestido de meia estação em «tweed» cinzento escuro guarnecido a lá branca dos Pirinéus, blusa colete em lá branca abotoada à frente, gola em veludo fó de rubi e bôina em feltro do mesmo tom que dão uma nota alegre a esta «toilette» sem essa nota, seria triste.

Nos chapéus nota-se a tendência, para o guarnecido. Damos hoje um modelo colhido num cortejo de casamento. Chapéu em «taffetas» branco guarnecido a rosas «vieux roses» e folhagem, e, também a plumas brancas e «vieux roses», uma fita em veludo preto aperta-no queixo. É usado com um vestido preto em «taffetas» e uma capa em pluma branca.

E a moda se pode dizer que não é feminina e agiota, não dá este ano.

A MULHER NA AUSTRÁLIA

SERVOU a opinião dum correspondente dum jornal italiano, a Austrália é o país ideal para as mulheres. São elas as senhoras de tudo.

Como há um século o meio os primeiros colonos eram uns indesejáveis, que assaltavam as mulheres que encontravam, ficam de pé a lei cavalheiresca, pela qual em todas as questões a mulher tem sempre razão. Basta o seu testemunho, o que resulta que há alguns abusos da parte das favorecidas.

Basta que na rua uma senhora se queixe dum homem, para que este vá logo para a esquadra sem mais provas do que as afirmações dela. Quem manda na Austrália é a mulher.

Organizou uma vida independente e autoritária. Aos quinze anos começa a falar na chave da casa e em independência, para justificar esses desejos, procura uma colocação. Os estudos na Austrália são uma brincadeira e um diploma consegue-se com toda a facilidade, e as mulheres encontram sempre trabalho.

As duas profissões mais procuradas e consideradas elegantes são a de magacista e enfermeira. Um ofício muito nobre e procurado é o de manequim, sobretudo para as «toilettes» que vão da Europa.

A filha dum magistrado é manequin e á noite preside a jantares oficiais elegantíssimos decotada e com um «chic» petulante... Não trabalham por desporto mas sim por dinheiro porque na Austrália como em quasi todos os



países novos o dinheiro conta como a primeira coisa.

As raparigas quando ganham o bastante vivem nós, em penóes e vão passar os domingos e festas com a família. É segundo elas uma preparação para o casamento, porque elas querem casar e ali todas as mulheres casam porque ao contrário dos países da Europa, ali há sete homens para cada mulher.

A mulher na Austrália é que impõe as suas condições ao marido e a rapariga ainda noiva exige dois dias da semana livres, de que não dará contas ao marido, para passar com a família, com as amigas ou como quiser.

Tém o seu «club» só de senhoras, e ali impera a mulher desde a presidente á porteira. Os australianos talvez para se defender das suas patriotas casam muito por anuncios que publicam nos jornais da Europa, mas não ganham muito com isso, porque a europeia ao chegar á Austrália adquire depressa os hábitos da australianas e torna-se tão independente e exigente como esta. Em vista das informações do jornalista italiano chegamos á conclusão que se a Austrália é o paraíso das mulheres, não é o dos homens.

A COSTURA

NA vida da mulher, a costura é uma prenda indispensável. Não se compreende uma mulher que não saiba coser. No entanto com a vida moderna agitada é tão diferente do que era a vida feminina há alguns anos, a costura que antes era a primeira coisa que se ensinava a uma menina passou para um plano muito secundário. Mas ficou um pouco transformada a vida nos lares, com essa mudança de hábitos e hoje em dia nós vemos que as coisas se têm modificado um pouco e a mulher regressa á costura que compreende ser-lhe indispensável.



Primeiro que tudo é preciso saber dar uma passagem como deve ser, pregam um remendo se se tornar necessário, mas saber fazê-lo com arte de forma a que a peça de roupa consertada, não fique protesa e fora de uso.

Nestes simples cuidados com a roupa velha a mulher habilidosa e económica pode pôr um pouco de graça e assim evitar despesas inúteis e não dar o aspecto de trapos nos consertos. É assim que a mulher ajuda o marido, mais eficazmente, do que quando sai de casa para ganhar ordenados que são esbanjados sem consciência pelas criadas, que sem vigilância dispõem da casa como sua gastando e estragando tudo sem dó nem piedade.

HIGIENE E BELEZA

Os olhos extraordinários que as estrélas do cinema nos apresentam no «écran» fazem com que muitas senhoras façam sempre as mesmas produções para as imitar. Não devem nunca



querer fazê-lo, porque muitas vezes esses olhos são efeito de caracterização, ou mesmo de fotografia.

Há muitas senhoras que na áncia de terem esses olhos fazem aos seus os maiores barbaridades, usam otropina e outros ingredientes para dar brilho aos olhos coisas que prejudicam a vista, aplicam nas pestanas rimmel e outras drogas que acabam por inflamar os olhos e lá se vai a beleza deles. O melhor é não bulir muito com os olhos tanto mais que a mulher portuguesa tem em geral bonitos olhos.

Quando muito banhar os olhos com água fervida com algumas gotas de sumo de limão ou com a seguinte loção que se deita na água morna Fris de Florença 2 gramas, sulfato de zinco 15 gramas, água de aciano 1/2 litro. Uma colher de chá num decilitro de água. Isto não ofende a vista que é sem dúvida a maior beleza dos olhos.

DE MULHER PARA MULHER

Morena: Tem razão de estar satisfeita de ser morena é a cor da moda. Mas não se preocupe com essa ideia das cores, há tanta cor que favorece as morenas e hoje com o uso do «rouje» já não há cores que fiquem mal, isso era dantes para as morenas pálidas, mas faça o seu vestido num tom de «rounille» ou vermelho escuro e verá como a favorece.

Aida: É muito gentil com as suas palavras amáveis. É sem dúvida um dos mais elegantes desportos para uma senhora e ha em Lisboa excelentes professores de equitação a quem se pode dirigir. Eu prefiro ver uma senhora montar como amazão, mas é um detalhe que discutirá com o seu professor.

Graciosa: Tem muita razão em ter desgosto de não saber bordar. Trate de aprender, que ainda está muito a tempo. Toda a mulher tem obrigação de conhecer os trabalhos de favores femininos, que são úteis lhe podem ser para embelazar o seu lar. Faça o «tailleur» em azul escuro, são sempre bonitos esses vestidos e com blusas de diferentes cores varia a «toilette».

PIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — 3, 2
 Copas — 4, 3, 2
 Ouros — A, 6, 5, 2
 Paus — V, 9, 5, 4

| | | |
|-------------------|----------|------------------|
| Espadas — D, V, | N | Espadas — 7, |
| 10, 8 | | Copas — R, V, |
| Copas — 10, 9, 8, | O | Ouros — 10, 9, |
| 7, 6, 5 | E | 8, 3 |
| Ouros — R, | | Paus — 10, 8, 7, |
| Paus — R, D, | S | 6, 3, 2 |

Espadas — A, R, 9, 6, 5, 4
 Copas — A, D.
 Ouros — D, V, 7, 4
 Paus — A.

Sem trunfo. **O** sai por 10 c. e **S** faz 11 vasas.

(Solução do número anterior)

O joga R, o., **N** — A, o., **E** — 6 o., **S** — 5 o.
N > 2 o., **E** — 7 o., **S** — 5 c., **O** — 10 o.
S > A, c., **O** — 9 c., **N** — 2 c., **E** — D, c.
S > A, c., **O** — V, c., **N** — 2 c., **E** — 8 c.
S > 3 c., **O** — D, c., **N** — 3 c., **E** — 8 c.
N > 3 o., **E** — 8 o., **S** — 6 e., **O** — V, o.
S > R, p., **O** — 10 p., **N** — 2 p., **E** — 6 p.
S > 5 p., **O** — V, p., **N** — A, p., **E** — 7 p.
N > 3 p., **E** — 8 p., **S** — 7 c., **O** — D, p.
S > 4 c., **O** — R, c., **N** — 4 c., **E** — 9 c.
N > 4 o., **E** — 9 o., **S** — 8 c., **O** — D, o.
S > 5 c. e **N** faz o V, c.

Justas reivindicações

As sogras dos Estados Unidos resolveram, recentemente, constituir-se em associação. Depois de estudarem os vários interesses da «classe», reconheceram ser de maior urgência combater a tradição que faz das sogras uma espécie de feras temíveis.

A associação dispõe-se a usar de toda a sua influência para acabar de vez com as clássicas anedotas a respeito de sogras, de que estas são vítimas.

Gagos célebres

Segundo a História, os gagos estão em boa companhia. Moisés, o grande profeta e legislador era gago e seu irmão Aarão, servira-lhe de intérprete.

Esopo, Virgílio e Demóstenes, todos gaguejavam um pouco e o último tem fama na história, de ser um dos mais primitivos exemplos duma cura completa.

Citam os textos como êle punha areia na bôca, para se obrigar a fazer um esforço maior e assim dar vigor aos seus órgãos vocais.

De cinco fazer quatro

(Problema)

Tiram-se os quatro cincos dum baralho qualquer de cartas e convida-se outra pessoa a dispô-los sobre a mesa e virados para cima de forma que apareçam quatro pintas em cada carta.

Como será?

Homens e cães

(Problema)

Um certo número de homens e de cães, contam ao todo 30 cabeças e 95 pés.

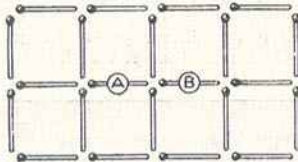
Queremos saber quais são as quantidades respectivas de homens e de cães, havendo a notar o facto de que um dos homens tinha perdido uma perna num desastre.

Nada menos do que 25 pessoas perderam 166 libras, no mesmo dia, numa das principais ruas de Sydney, na Austrália, agora recentemente. Pelo menos foi este o efeito que deu, quando apareceu um anúncio de que tinha sido encontrada, em *Georg Street*, uma maleta contendo notas no valor de 166 libras.

Na realidade, só uma pessoa é que as tinha perdido.

Quantos quadrados?

(Solução)



- 1 — São 11 os quadrados.
- 2 — Tirando os fósforos A e B, ficam quatro quadrados pequenos e três grandes.

Uma senhora inglesa, mrs. Hames, de Bournemouth, quando tinha 90 anos, aprendeu a guiar um carro e tirou carta por dois anos. Agora já fez 100 anos e o seu grande desgosto é não poder guiar ainda.

A descendência de Dickens

Entre os descendentes do célebre escritor inglês Charles Dickens, houve uma neta, Mary Angélica Dickens, que seguiu com o seu avô, a gloriosa carreira das letras. O que nada tem de extraordinário, é claro.

Ultimamente, porém, uma bisneta do referido escritor, miss Mónica Dickens — por sinal uma formosa rapariga — escreveu também um livro de cozinha e para o escrever com bastante conhecimento de causa e experiência prática, andou a servir como cozinheira em seis casas, consecutivamente.

Os nomes escondidos

(Solução)

Eduardo
 Zulmira

Onde estão?

(Passatempo)



Esta pastorinha, género Watteau, está aflita porque julga ter perdido uns poucos de carneirinhos do seu rebanho. Eles, porém, não andam longe, o caso é saber procurá-los.

Ajudem-na, coitadita!

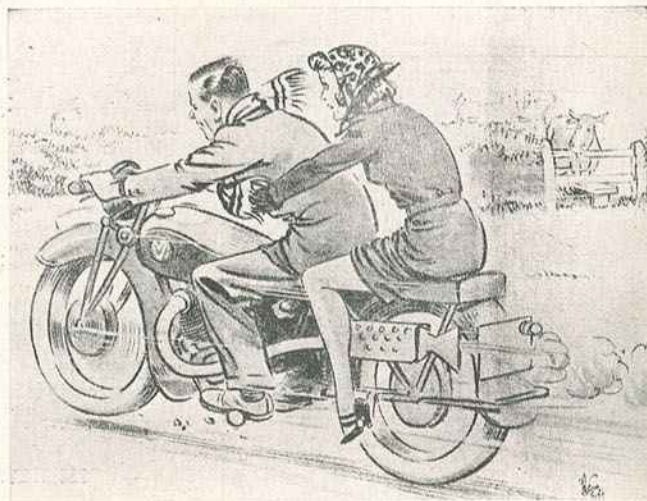
Órgãos vivos do corpo humano

O eminente director do Instituto Pasteur, dr. Luiz Martin, realizou, há pouco, uma viagem de estudo aos Estados Unidos.

Teve ocasião de encontrar o doutor Carrel e de assistir às suas últimas experiências.

O doutor Carrel está estudando a «cultura» de órgãos conservados numa «sobrevida» artificial.

Assim, poder-se-á, de aqui em diante, fazer experiências de medicamentos novos, não nos próprios doentes que a isso se prestem, mas em estômagos ou corações que já nada tenham a recear das experiências



— Surpreende-me que penses isso de mim, Jorge. Então julgas-me capaz de dizer alguma coisa nas tuas costas?

(Do «The Humorist»)

Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1937

Esc. 19.983.462\$61

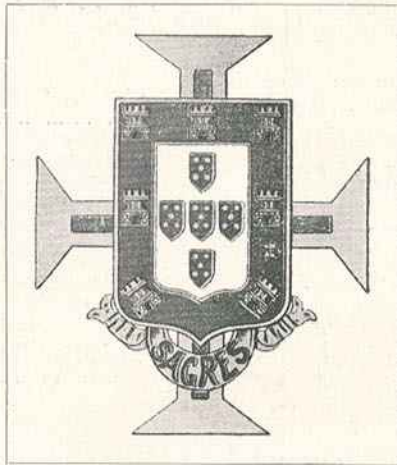
Seguros Acidentes de Trabalho

Seguros de automóveis, Responsabilidade civil, todos os riscos

CONSULTEM

A

SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1937

Esc. 14.645.207\$83

Seguros Postais, Fogo, Marítimos, Agrícolas e Cristais

Seguros de Vida em tôdas as modalidades

CONSULTEM

A

SAGRES

Companhia de Seguros SAGRES

RUA DO OURO, 191 — (Edifício próprio) — Telef. 2 4171

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

UM LIVRO DE ARTE E UTILIDADE

A HABITAÇÃO

POR Fernando Perfeito de Magalhães

Com um prefácio do Prof. Dr. Agostinho de Campos

1 vol. com muitas gravuras, algumas a côres, representando projectos de construção de moradias etc., broc. Esc. 10\$00

Pelo correio à cobrança Esc. 11\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-LISBOA

À venda o 4.º milhar do romance de

AQUILINO RIBEIRO

MÓNICA

História duma rapariga lisboeta

1 vol. de 312 págs., broc., Esc. 12\$00; enc., Esc. 17\$00

Pelo correio, à cobrança, mais 2\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Acaba de aparecer:

DESPORTOS EDUCAÇÃO FÍSICA E ESTADO

PELO DR. EURICO SERRA

1 vol. de 140 págs., broch. 8\$00

Pelo correio à cobrança 9\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

A VERDADEIRA HISTÓRIA E VIDA DA

SEVERA

(Maria Severa Onofriana)

1820-1846

POR JÚLIO DE SOUSA COSTA

Apontamentos e notícias para a sua história — Casos interessantes em que intervieram personagens de destaque — A vida na Mouraria — A boémia doura-a — A Severa, cantora e poetisa — Alma generosa, embora mulher perdida — O retrato da Severa — Dancça e morte — Vala comum

1 vol. de 208 págs. com um retrato da Severa, Esc. 8\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 8\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



ZIG-ZAG

O UNICO PAPEL DE FUMAR
QUE NÃO AFECTA
A GARGANTA

DOUBLE \$60
Simples \$30

Unicos importadores
CASA HAVANEZA-LISBOA

COLECCÃO FAMILIAR P. B.

Esta coleção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluídas somente obras que, embora se estejam na fantasia e de-pertem pelo entreccho romântico suggestivo interesse, oferecem também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrificio, de grandeza de alma, de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, atavia-do-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e eserinio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena rainha
Divida de honra
Casa de familia
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciéncia
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segredo de um berço
A vila das pombas
O calvário duma mulher
O anjo do lar
A força do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal
Ilusão perdida

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias
Cada vol. cartonado . . . Esc. **8\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas. **25\$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

O Bêbé

A arte de cuidar
do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Benoitel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosissimo
volume ilustrado
6\$00

Deposítária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS—(3.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
—(1.^a edição), 1 vol. br. 15\$00
ALTA RODA—(3.^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII—(3.^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00
AO OUVIDO DE M.^{mo} X.—(5.^a edição)—O que eu lhe disse das mulheres—O que lhe disse da arte—O que eu lhe disse da guerra—O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br. 9\$00
ARTE DE AMAR—(3.^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. 10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM—(5.^o millar), 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00
CARTAS DE LONDRES—(2.^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. 10\$00
COMO ELAS AMAM—(4.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
CONTOS—(2.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
DIALOGOS—(2.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. 1\$50
ELAS E ELAS—(4.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
ESPADAS E ROSAS—(5.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
ETERNO FEMININO—(1.^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00
EVA—(1.^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. 10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE—(3.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
GALOS (OS) DE APOLO—(2.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
MULHERES—(6.^a edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. 9\$00
HEROÍSMO (O), A ELGÂNCIA E O AMOR—(Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br. 6\$00
OUTROS TEMPOS (3.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA—(5.^a edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br. 12\$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO—(Conferência), 1 fol. 2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA—(Conferência), 1 fol. 1\$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00

POESIA

NADA—(3.^a edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. 6\$00
SONETOS—(5.^a edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br. 4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO—(2.^a edição), 1 vol. br. 3\$00
CARLOTA JOAQUINA—(3.^a edição), 1 vol. 3\$00
CASTRO (A)—(2.^a edição), br. 1\$00
CRIA (A) DOS CARDIAIS—(27.^a edição), 1 vol. br. 15\$00
CRUCIFICADOS—(3.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA—(5.^a edição), 1 vol. br. 3\$00
D. JOÃO TENÓRIO—(2.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA—(3.^a edição), 1 vol. br. 2\$00
MATER DOLOROSA—(6.^a edição), 1 vol. br. 3\$00
1023—(3.^a edição), 1 vol. br. 2\$00
O QUE MORREU DE AMOR—(5.^a edição), 1 vol. br. 4\$00
PAÇO DE VEIROS—(3.^a edição), 1 vol. br. 4\$00
PRIMEIRO BEIJO—(5.^a edição), 1 vol. br. 2\$00
REI LEAR—(2.^a edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. 9\$00
REPOSTEIRO VERDE—(3.^a edição), 1 vol. br. 5\$00
ROSAS DE TODO O ANO—(10.^a edição), 1 vol. br. 2\$00
SANTA INQUISICÃO—(3.^a edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. 6\$00
SEVERA (A)—(5.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
SOROR MARIANA—(4.^a edição), 1 vol. br. 3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS—(4.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
VIRIATO TRÁGICO—(3.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75—LISBOA

OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editores, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

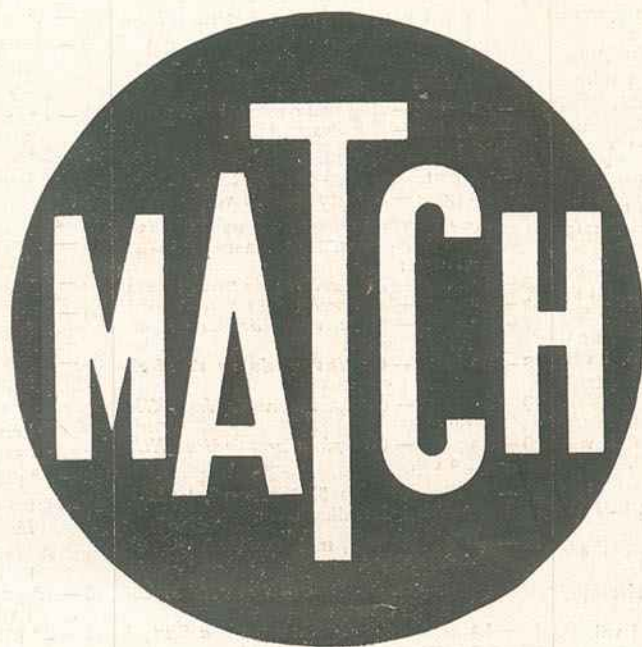
A leitura dos romances de JULIO VERNE distrai, instrue e faz meditar, constituindo FORMIDÁVEL EXERCÍCIO DE INTELIGÊNCIA

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1 — **Da terra à lua**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.
- 2 — **À roda da lua**, trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.
- 3 — **A volta ao mundo em oitenta dias**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:
- 4 — 1.ª parte — **Os ingleses no Polo Norte**. 1 vol.
- 5 — 2.ª parte — **O deserto de gelo**. 1 vol.
- 6 — **Cinco semanas em balão**, trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.
- 7 — **Aventuras de três russos e três ingleses**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 8 — **Viagem ao centro da terra**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 9 — 1.ª parte — **América do Sul**. 1 vol.
- 10 — 2.ª parte — **Austrália Meridional**. 1 vol.
- 11 — 3.ª parte — **Oceano Pacífico**. 1 vol.
Vinte mil léguas submarinas:
- 12 — 1.ª parte — **O homem das águas**, trad. de Gaspar Borges de Avelar.
- 13 — 2.ª parte — **O fundo do mar**, trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.
A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo:
- 14 — 1.ª parte — **Os naufragos do ar**. 1 vol.
- 15 — 2.ª parte — **O abandonado**. 1 vol.
- 16 — 3.ª parte — **O segredo da ilha**. 1 vol.
Miguel Strogoff, trad. de Pedro Vidoeira:
- 17 — 1.ª parte — **O correio do Czar**. 1 vol.
- 18 — 2.ª parte — **A invasão**. 1 vol.
O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:
- 19 — 1.ª parte — **O eclipse de 1860**. 1 vol.
- 20 — 2.ª parte — **A ilha errante**. 1 vol.
- 21 — **Uma cidade flutuante**, trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.
- 22 — **As Índias negras**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:
- 23 — 1.ª parte — **O cataclismo cósmico**. 1 vol.
- 24 — 2.ª parte — **Os habitantes do cometa**. 1 vol.
- 25 — **O Doutor Ox**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:
- 26 — 1.ª parte — **A viagem fatal**. 1 vol.
- 27 — 2.ª parte — **Na África**. 1 vol.
- 28 — **A galera Chancellor**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 29 — **Os quinhentos milhões da Begun**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
- 30 — **Atribuições de um chinês na China**, trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.
A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 31 — 1.ª parte — **A chama errante**. 1 vol.
- 32 — 2.ª parte — **A ressuscitada**. 1 vol.
A jangada, trad. de Pompeu Garrido.
- 33 — 1.ª parte — **O segredo terrível**. 1 vol.
- 34 — 2.ª parte — **A justificação**. 1 vol.
As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:
- 35 — 1.ª parte — **A descoberta da terra**. 1.º vol.
- 36 — 1.ª parte — **A descoberta da terra**. 2.º vol.
- 37 — 2.ª parte — **Os navegadores do século XVIII**. 1.º vol.
- 38 — 2.ª parte — **Os navegadores do século XVIII**. 2.º vol.
- 39 — 3.ª parte — **Os exploradores do século XIX**. 1.º vol.
- 40 — 3.ª parte — **Os exploradores do século XIX**. 2.º vol.
- 41 — **A escola dos Robinsons**, trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.
- 42 — **O raio verde**, trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.
Kéraban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:
- 43 — 1.ª parte — **De Constantinopla a Seutari**.
- 44 — 2.ª parte — **O regresso**. 1 vol.
- 45 — **A estrela do sul**, trad. de Almeida de Eça. 1 vol.
- 46 — **Os piratas do arquipélago**, trad. de João Maria Jales. 1 vol.
Matias Sandorff:
- 47 — 1.ª parte — **O pombo correio**. 1 vol.
- 48 — 2.ª parte — **Cabo Matifoux**. 1 vol.
- 49 — 3.ª parte — **O passado e o presente**. 1 vol.
- 50 — **O naufrago do «Cynthia»**, trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.
- 51 — **O bilhete de lotaria n.º 9.672**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- 52 — **Robur, o Conquistador**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:
- 53 — 1.ª parte — **O ódio do Texar**. 1 vol.
- 54 — 2.ª parte — **Justiça**. 1 vol.
- 55 — **O caminho da França**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa:
- 56 — 1.ª parte — **A escuna perdida**. 1 vol.
- 57 — 2.ª parte — **A colónia infantil**. 1 vol.
- Família sem nome**, trad. de Lino de Assunção:
- 58 — 1.ª parte — **Os filhos do traidor**. 1 vol.
- 59 — 2.ª parte — **O padre Johann**. 1 vol.
- 60 — **Fora dos eixos**, trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.
Cesar Cascabel:
- 61 — 1.ª parte — **A despedida do novo continente**, trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.
- 62 — 2.ª parte — **A chegada ao velho mundo**, trad. de Lino de Assunção. 1 vol.
A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto:
- 63 — 1.ª parte — **A procura dos naufragos**. 1 vol.
- 64 — 2.ª parte — **Deus dispõe**. 1 vol.
- 65 — **O castelo dos Carpathos**, trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.
- 66 — **Em frente da bandeira**, trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.
A ilha de Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:
- 67 — 1.ª parte — **A cidade dos biliões**. 1 vol.
- 68 — 2.ª parte — **Distúrbios no Pacífico**. 1 vol.
- 69 — **Clovis Dardentor**, trad. de Higino de Mendonça. 1 vol.
A esfinge dos gélos, trad. de Napoleão Toscano:
- 70 — 1.ª parte — **Viagens aos mares austrais**. 1 vol.
- 71 — 2.ª parte — **Lutas de marinheiro**. 1 vol.
- 72 — **A carteira do repórter**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
O soberbo Orenoco, trad. de Aníbal de Azevedo:
- 73 — 1.ª parte — **O filho do coronel**. 1 vol.
- 74 — 2.ª parte — **O coronel de Kermor**. 1 vol.
- 75 — **Um drama na Livónia**, trad. de Fernando Correia. 1 vol.
- 76 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.
- 77 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.
- 78 — **A invasão do mar**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 79 — **O farol do cabo do mundo**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 80 — **A Aldeia Aérea**, trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.
- 81 — **A Agencia Thompson & C.ª**, 1.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.
- 82 — **A Agencia Thompson & C.ª**, 2.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

O mais económico
O mais interessante magazine mundial
O DE MAIOR TIRAGEM
O de mais actualidade que se publica em Paris



FORMIDAVEL DOCUMENTÁRIO

dos mais palpitantes assuntos

48 págs. profusamente ilustradas, apenas

Esc. 2\$60

DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA